Revista da AFELCE

M&L

Mulheres & Letras

Ano 3 - Nº3 | Fortaleza - CE | agosto / setembro de 2016

Referências

EDIÇÕES INESP

Sala de Reunião e Arquivo Histórico da Família Galeno.

Editorial

A editoração da Revista "Mulheres & Letras" representa, para a Academia Feminina de Letras do Ceará (AFELCE), um importante propósito direcionado para a sua evolução, centrada no compartilhamento do saber, voltado para a comunidade, advindo dos relatos textuais das suas associadas, coautoras desta obra e dos convidados especiais.

Para tanto, as Afelceanas, em numero 19, brindam-nos através desta obra, com mensagens embebidas de puros sentimentos, traduzidas em prosas e versos, pertinentes, à família, ao lazer, a Deus, à comunidade, à educação, aos jovens, às crianças, à natureza, ao amor, suas referências.

Vamos, pois, deleitar-nos um pouco, descortinando as páginas desta revista que retratam, de forma peculiar, sentimentos e desejos que nos enlaçam pela força da poesia - senão vejamos: "Já viajei em mares de Fantasias /Expulsando do ancoradouro os seus espias/ E das sentinelas da noite, os assobios" – Zinah Alexandrino; "As horas saltam em laços, mas para mim recuam no espaço" – Gilda Freitas; "Piso descalça sobre a areia nua, tão tua!/Deixa a brisa tocar teu coração e flutua"..., de Rita Guedes; " Reflexo escatológico do ser humano?! / Assombrados clamam paz, compaixão/ No seio dos mulçumanos e cristãos/ Amor, união despertem na linha dos raciocínios/ Dos grandes crânios!" – Benildes Batista. Outros tantos poemas se fazem notar nesta Revista, conduzindo-nos ao gozo íntimo

No que concerne ao gênero prosa, deparamo-nos com importantes textos como da Nice Arruda que, fazendo uso de uma musica, voltada para a solidariedade, diz: "Fica sempre, um pouco de perfume, nas mãos que oferecem rosas, nas mãos que sabem ser generosas".

Convém ainda ressaltar os contos, crônicas: "Os meus oito anos" de Eugênia Carráh; "Amor Incondicional" de Argentina Austregésilo; "Deus e o Homem" de Eliane Santos; "Je Suis a Paris" de Sônia Nogueira, alem dos contos dirigidos ao público infantil.

Por outro lado, a participação de convidados especiais, ao se manifestarem, através de entrevistas e ou depoimentos sobre aspectos relativos a educação e a segurança, contribuíram, de forma significativa, para o atingimento dos objetivos delineados por esta Revista, dentre tantos: acolher e abrir espaços para a participação da comunidade .

Com este objetivo, foi entrevistada Maria da Penha Maia Fernandes, a nordestina que inspirou a lei 11.340/06, denominada Maria da Penha, cujo objetivo é: "proporcionar instrumentos para coibir, prevenir e erradicar a violência doméstica e familiar contra a mulher, garantindo sua integridade física, psíquica, sexual, moral e patrimonial".

Outra personalidade convidada foi o empresário Joaquim Caracas Nogueira que por acreditar na juventude, adotou o projeto "Guaramiranga na Frente", com o proposito de qualificar alunos do Ensino Médio da Escola Zélia de Matos Brito, para o ingresso na universidade, com vistas à profissão desejada e, após a formatura, prestarem serviços ao município de Guaramiranga-CE.

Por fim, a escritora Francinete Azevedo mostra-nos que, por séculos, "a Mulher não viveu, vegetou qual flor mimosa de estufa... tão diferente das suas irmãs do século atual". E destaca as primeiras poetisas Cearenses Úrsula Garcia, Alba Valdez e Rachel de Queiroz que, respectivamente as duas últimas, ingressaram na Academia Cearense e na Academia Brasileira de Letras. Citando Henriqueta Galeno, Júlia Galeno, conclui-se que as mulheres, nos dias atuais, vêm "alcançando vôos memoráveis".

Maria do Socorro Cavalcanti,
Editora responsável.

Palavras da Presidente da AFELCE

O ponto de vista das beletristas, ocupantes das cadeiras da Academia Feminina de Letras do Ceará, sintoniza com os objetivos aos quais se destina a instituição. Somos um grupo de acadêmicas atuantes!

No ano passado, 2015, nove acadêmicas e duas postulantes publicaram livros nos gêneros: romance, poesia e conto. Um saldo relevante. Trabalhos criados por nós e por nós lançados ao mundo para serem lidos por muitos públicos: fortalezenses, cearenses, brasileiros em geral, residentes nas mais diversas cidades, quanto maior for a jornada dessas obras, maior será a felicidade das escritoras.

Além das produções individuais a AFELCE é enriquecida com trabalhos coletivos. Promovemos concursos literários para alunos de Escolas Públicas; temos o Jornal Luzeiro, esta Revista, Mulheres e Letras e em planejamento, uma antologia que pretendemos lançar brevemente.

A AFELCE é uma academia cujas portas estão sempre abertas para receber pessoas que chegam para conhecê-la, por curiosidade, incentivo ou interesse, mas visa, também, a troca de experiências. O importante é mantê-la ativa e disposta às inovações. A prova está nas entrevistas que constam na edição dessa Revista. Uma delas é de Maria da Penha, a cearense que transformou o próprio nome em Lei, a Lei Federal Nº 11.340/2006. No segundo semestre, deste ano, completará dez anos de vigência em defesa da mulher. A outra entrevista é do empresário Joaquim Caracas, natural de Guaramiranga. Em sua cidade promove projetos voltados para a área educativa e social. Sua intenção é colaborar na melhoria da formação humana e facilitar, através da oportunidade de emprego, a permanência, dos mesmos, na própria região. Segundo ele, o ex-aluno que migra em busca de emprego deixa de retribuir, a seu município, os benefícios recebidos.

Agradecemos ao Presidente da Assembleia Legislativa do Ceará, Sr. José Albuquerque; ao 1º Secretário, Sr. Sérgio de Araújo Lima Aguiar ; e ao Sr. Roberto César Albuquerque Mendonça, Presidente interino do INESP.

Agradecemos, também, à editora chefe da Revista Mulheres e Letras, a colega Maria do Socorro Cavalcanti; à colega Socorro Rebelo pelas entrevistas e às demais colegas colaboradoras. Reconhecemos que a luta foi grande!

Clara Lêda de Andrade Ferreira,
Presidente da AFELCE.

Palavras do Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

É com grande entusiasmo e renovada satisfação que o Poder Legislativo, por meio de seu Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), leva à sociedade o número 3 da *Revista Mulheres & Letras*. Trata-se de uma publicação que reúne a produção das componentes da Academia Feminina de Letras do Ceará (AFELCE), cuja qualidade dos trabalhos é reconhecida pelos cearenses, como evidenciam os números anteriores da publicação.

Sob o comando da presidente Clara Lêda de Andrade Ferreira e da editorialista Maria do Socorro Cavalcanti, as componentes da AFELCE oferecem aos leitores, nesta publicação, poemas, artigos e demais textos de valor literário que reafirmam a contribuição da Academia à cultura alencarina. Mais que isso, estas contribuições estimulam a que outras mulheres ingressem na área literária, para dividir com os leitores textos ainda desconhecidos. Desta forma, temos a perspectiva de renovação das escritoras em nosso Estado.

"A vida é uma tarefa que não pode ser dividida com ninguém". Remetendo à frase da célebre escritora cearense Rachel de Queiroz, os textos que os leitores acompanharão, nas próximas páginas, celebram a vida em suas diferentes dimensões. Em conjunto, eles se adensam e nos convidam à reflexão sobre os variados temas que compõem a dimensão humana.

Temos a convicção de que a *Revista Mulheres & Letras* manterá sua trajetória vigorosa, oferecendo perspectivas femininas sobre diversos temas, bem como fonte de inspiração para as mulheres cearenses – tanto no escrever quanto no viver.

Boa leitura!

Deputado José Albuquerque,
Presidente da Assembleia
Legislativa do Estado do Ceará.

Palavras do Primeiro Secretário da Mesa Diretora da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

Por questões históricas, as mulheres permaneceram, por muito tempo, à sombra dos homens em vários aspectos, inclusive nos setores artísticos e culturais, contudo o empoderamento feminino na Literatura se alicerçou de maneira intensa, agregando valores ímpares ao universo da leitura. Trata-se de um importante avanço, dentre muitos outros conquistados pela mulher.

Com a publicação Mulheres e Letras, a Academia Feminina de Letras do Ceará – AFELCE – nos dá o privilégio de contemplar crônicas, poesias, entrevistas e outras produções textuais que agregam um vocabulário rico e nos trazem reflexões acerca de temas delicados e cotidianos.

A leitura aproxima universos e desenvolve vocabulários. Ler transforma. É na leitura que enriquecemos culturalmente e socialmente. Não podemos compreender e sermos compreendidos, sem sabermos utilizar a comunicação de forma correta.

Diante disso, é com muita honra que a Assembleia Legislativa parabeniza o colegiado acadêmico da AFELCE, na pessoa de sua presidente: Clara Lêda de Andrade Ferreira, pelo trabalho sensível e valoroso da literatura alencarina.

Deputado Sérgio Aguiar,
Primeiro Secretário da Mesa
Diretora da Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará.

Palavras da Presidente do Inesp

A Academia Feminina de Letras do Ceará – AFELCE, mais uma vez, está premiando o público leitor com o 3º número de sua *Revista Mulheres e Letras*, dessa festa intitulada *Referências*, mesclada com poesias, contos, poemas e artigos para deleite de tantos quantos apreciam a literatura.

Instada a participar do empreendedorismo que tão bem caracteriza a mulher cearense, principalmente, no que concerne à divulgação da cultura, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, por meio deste Instituto, numa verdadeira demonstração de apoio à iniciativa da AFELCE, publica mais um exemplar de tão interessante revista.

Queremos parabenizar a todas as mulheres que compõem o seleto grupo da Academia Feminina de Letras do Ceará, representada por sua presidente, Clara Lêda de Andrade Ferreira, enfatizando que em todo o seu conteúdo estão latentes a sensibilidade feminina, o destemor, a altivez, para que não mais vivamos à sombra dos homens.

Júlia Pinheiro

Júlia Pinheiro,
Presidente do Instituto de Estudos
e Pesquisas sobre o Desenvolvimento
do Estado do Ceará – Inesp.

Expediente

Revista da AFELCE – Academia Feminina de Letras do Ceará
Mulheres & Letras – Uma produção do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará
Copyright © 2016 by Inesp

Ano 3 - Nº3 | Fortaleza - CE | agosto / stembro de 2016

AFELCE

Editora chefe: Maria do Socorro Cavalcanti.
Jornalista: Gutemberg Liberato de Andrade.
Conselho editorial: Clara Lêda de Andrade Ferreira,
Maria Argentina Austregésilo de Andrade, Maria do Socorro Cavalcanti,
Maria Nirvanda Medeiros, Sonia Maria Nogueira e Gutemberg Liberato de Andrade.
Revisora: Eliane Maria Arruda Silva.

Inesp

Presidente: Júlia Neide Pinheiro Nogueira.
Coordenação de impressão: Ernandes do Carmo.
Capa, Diagramação, Ilustrações e Projeto Gráfico: José Gotardo Filho.

Imagens

Obtidas nos sites: http://pt.freeimages.com/, http://www.freepik.com/ e http://www.stockvault.net/, para uso cultural, educacional, não comercial, sem fins lucrativos e distribuição gratuita, de acordo com as regras destes. Foto da pintura de Juvenal Galeno, disposta na página 23, de autoria do artista plástico Otacilio Azevedo.

Apoio: Assembleia Legislativa do Estado do Ceará.
Impressão: Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará - Inesp.
Tiragem: 300 exemplares.

Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS

Catalogado por Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

Revista Mulheres & Letras / Academia Feminina de Letras do Ceará.
– Ano 3, n.3 (agosto / setembro 2016)-.– Fortaleza: INESP, 2016-.
v.:il.; 29cm.
Anual
Editor: Maria do Socorro Cavalcanti.

1. Literatura, Brasil. I. Academia Feminina de Letras II. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará.

Permitida a divulgação dos textos contidos nesta revista, desde que citados autores e fontes.
Editora Inesp | Av. Desembargador Moreira, 2807
Ed. Senador César Cals, 1º andar – Dionísio Torres
CEP 60170-900 – Fortaleza - CE - Brasil
Tel: (85)3277.3701 | Fax: (85)3277.3707 | al.ce.gov.br/inesp | inesp@al.ce.gov.br

Sumário

Produções das Acadêmicas 11

Postulante
Eliane Santos 12

O Natal de Clara Lua 12
Deus e o Homem 14

Cadeira nº 2 | Postulante
Gilda Maria de Oliveira Freitas 15

Abstração 15

Cadeira nº 3
Maria do Socorro Cavalcanti 17

Preservação da Natureza 17
O Rio 19
O Poeta 20

Cadeira nº 7
Francisca Benildes Batista 21

Silêncio de Deus?! 21
Vida Singular (à minha mãe) 22

Cadeira nº 10
Francinete de Azevedo Ferreira 23

O Poeta e sua Casa Iluminada 23
Bakhita, Uma Menina Iluminada 25

Cadeira nº 13
Maria Zinah de Oliveira Alexandrino 26

Reclames do Tempo 26
Saudação à Eliane Arruda, Ex-presidente AFELCE 27

Cadeira nº 14
Ana Maria do Nascimento 28

Necessária Maturidade 28
Instâncias do Amor 28
Destino Solitário 29

Cadeira nº 16
Maria Argentina
Austregésilo de Andrade 30

Amor Incondicional 30
Transmutação de um Andarilho 32

Cadeira nº 17
Rita Guedes 33

Abre Teus Braços 33

Cadeira nº 18
Sonia Maria Nogueira 34

Je Suis a Paris 34
Paris 36

Cadeira nº 21
Maria Ida Francisca
Rodrigues de Carvalho 37

Vem 37
Enigma 37
Simplesmente 38
Recomeço 38
Volta 39

Cadeira nº 26
Maria Nirvanda Medeiros 40

Criança, Maior Tesouro 40
Nascimento do Menino Jesus,
O Salvador da Humanidade 41

Cadeira nº 27
Clara Lêda de Andrade Ferreira 42

Aninha, a menina que dava conta de tudo 42
Pião 44
Ao Raiar do Dia 44

Cadeira nº 29
Ana Célia Oliveira 45

Cajueiro Florido 45
Vem Surgindo o Dia 46

Cadeira nº 31
Nice Arruda 47

Ainda Sonham, Têm Esperanças e Acreditam... 47

Cadeira nº 34
Maria de Fátima Lemos Pereira Cândido 49

Lemos – Uma só Família? 49

Cadeira nº 36
Maria Evan Gomes Bessa 51

O Ratinho Ansioso 51
Quero 52
Sabor Amargo 52

Cadeira nº 37 | Postulante
Eugênia Maria Carrah de Sales 53

Os Meus Oito Anos (Traquinagens) 53
O Meu Deus 55

Cadeira nº 40
Maria do Socorro Rebelo 56

Presença de Deus 56

Homenagem

A Presidente Clara Lêda
empossa Eliane Arruda como
Presidente de Honra da AFELCE.
Por Clara Lêda, Cadeira 27 58

Entrevista

Joaquim Caracas Nogueira,
o filho dedicado de Guaramiranga.
Por Maria Socorro Rebelo, Cadeira 40 59

Maria da Penha,
um nome que virou Lei!
Por Maria Socorro Rebelo, Cadeira 40 61

Ações

Guaramiranga na Frente.
Educação para a vida 63

Convidado Especial

Na busca de algo, ou nada,
Gutemberg L. de Andrade
Nada 65

Mensagem

Vislumbrando a Presença
Feminina na Literatura Cearense.
Por Francinete de Azevedo Ferreira, cadeira nº10. 66

Produções das
Acadêmicas

Referências

Postulante
Eliane Santos

E-mail: elianearte@yahoo.com.br

O Natal de Clara Lua

Numa certa terra castigada pela seca, e na lonjura urbana, vivia um casal que tinha uma filha chamada Clara Lua. Clara Lua não tinha a pele tão alva quanto a lua, mas sim, da cor da boca da noite, mesmo tendo nascido numa noite de lua clara, do mês de dezembro.

Quando Clara Lua ia completar sete anos, naquele dezembro, mês de natal, a família teria todos os motivos para comemorar, no entanto como festejar se era ano de seca, em casa as panelas estavam vazias e as barrigas também! Clara Lua não queria muita coisa, bastava-lhe um pedaço de pão doce.

Na véspera do Natal, a mãe da menina, querendo alegrar o coraçãozinho da filha, montou um presépio, em miniatura, com agulha, linha e bucha vegetal. Pronto, ficou uma verdadeira obra de arte que relembrava a história mais bela do mundo: o nascimento do Menino Deus.

A menina vislumbrava aquele mundo com o olhar da fantasia infantil. Observava as miniaturas e perguntava à mãe:

– Mamãe, por que o filho de Deus não tem uma redinha para dormir? A senhora o colocou em um cocho, a vasilha onde os animais se alimentam!

Sua mãe, então, contou toda a história do nascimento de Jesus e Clara Lua desvelava o momento e a vida, numa dimensão lúdica que foi capaz de driblar sua fome pelo simples fato de perceber o Menino Deus, tão pobre quanto ela. Nem por isso, deixou de ser o filho do Papai do Céu, que veio ao mundo para salvar a humanidade.

No final da tarde, o pai pediu à mulher e à filha para colocarem a melhor roupa. Iriam à igreja na cidade. Seguiram com o sol frio, de fim de tarde e,

em um jumento, percorreram muitos quilômetros. Às dezenove horas, apontaram na praça. Clara Lua, ao ver as luzes ofuscando, esqueceu a fadiga, o cansaço e voltou a sonhar com o pão doce e a doçura da vida!

Por estar o município vivendo à sombra de uma seca impiedosa, as famílias mais abastadas se reuniram e montaram, na praça, uma grande mesa, repleta de comidas saborosas para que todos ceassem juntos. Clara Lua ganhou um prato com uma fatia de peru assado, farofa, arroz, salada, pão doce, bolo e refrigerante. Naquela noite, saciou a fome e o desejo. Até conseguiu juntar num saquinho, um pouco mais de comida, para levar para casa.

Durante a missa, o padre, a família de Clara Lua e os demais presentes pediram a Deus, em uníssono que, na chegada do Menino Sagrado, as portas do céu fossem abertas e jorrasse chuva para molhar a terra, encher açudes e rios.

Chegaram em casa cansados, mas felizes, pelo alimento carnal e espiritual recebido nessa viagem de perseverança, caridade, amor e, principalmente, pela presença viva de Deus, nos homens.

Clara Lua correu e depositou o saquinho de comida no presépio da Sagrada Família.

– O que fazes, filha? – Perguntou sua mãe.

– Mamãe, foi tão maravilhoso participar da ceia de Natal! A senhora gostou de ganhar alimento, encher a barriga, não foi? Então, esqueceu que a família de Jesus Cristinho é tão pobrezinha quanto a nossa? Devemos dividir o que ganhamos com eles! Seria tão bom que o Natal fosse todos os dias!

Emocionada, a mãe abraçou, beijou, abençoou e levou a filha para dormir na redinha. Apagou a luz e saiu desejando um feliz Natal, quando ouviu a chuva caindo sobre o telhado, ninando o sono de Clara Lua que adormeceu sonhando com um mundo sem fome e claro. Tão claro quanto a luz da lua.

Deus e o Homem

O que, no mundo, existe de belo e útil, sem dúvida, parte faz da criação divina, alguns poetas já pensaram nisso, veja:

Zezé Di Camargo e Luciano

Deus criou o universo em harmonia / Fez o sol que dá calor aos nossos dias / Fez a lua para servir de inspiração / E a chuva para matar a sede no sertão.

Fez o rio só para se encontrar com o mar, Deu dom a minha voz e o meu cantar, fez a árvore, o fruto e a flor...

SIM, disso sabe o homem, mas, na verdade, que faz para não prejudicar a natureza, as águas, os seres vivos?

Cada pessoa pense no que percebe, durante o dia: o nascimento do sol com suaves cores, o entardecer costurando o fim do dia, a noite vindo com estrelas, ou com a lua. Quem agradece a Deus por tudo isso?

Quem criou o homem com o dom de falar, ler, escrever, cantar, pintar, ou mesmo, esculpir o belo? Sem dúvida, foi o Artista Maior (Deus), de quem herdou a inteligência, a arte, daí, quem sabe, ser um minideus!

Há tanta poesia no que Deus, sensível à beleza, criou, que um poeta humano verdadeiro, tudo observando, escreve versos emocionantes, belos, sabe dosar os tons de uma cor.

Pensemos todos nEle, no Criador, e protejamos tudo o que criou, peçamos que tenha no coração o contorno da bondade, do amor por tudo que Ele nos deixou!

Cadeira nº 2 | Postulante
Gilda Maria de Oliveira Freitas

Patronesse: Ione Arruda Gomes | gildaofreitas@hotmail.com

Abstração

Fim de semana. Eu, espírito insano. Ninguém além de mim
A minha agenda? Vazia. E eu, vazia na agenda de alguém. Desanimada suspiro
Procuro me controlar. Não sei se saio de mim ou me permito decifrar
Perspectiva... nenhuma. Só o Sol que se resfria e me diz: vou repousar
A noite chega em festa de verão, e eu me infesto de solidão
As horas saltam em laços, mas para mim recuam no espaço
Fecho a janela. Não quero ver a lua que se desnuda para seu amante
As nuvens, seres estranhos, pensamentos voadores, sussurros azulados
Eu me recolho, choro o desejo gota a gota. Alimento-me da madrugada fria
Sem forças, eu me recato do fulgor ardente
Na minha cela antiga como se eu fosse um monge
Abro a janela. Sinto um frêmito e me apavoro. Não tenho audácia
Então me isolo por medo de estar devassa
Viro as costas e peço um abraço ao meu regaço. Ele me enlaça
Não tenho medo da neblina que sai de mim
Minha pele tocada fica exausta como a terra lavrada
Meus pensamentos, um forte aroma, um toque profético
Uma espuma branca, uma ferida negra, lágrimas elásticas
O perigo me atrai, o pecado me fascina pela sua traição
A noite grita, eu não respondo. Pelo pavor eu fico muda. Peço perdão

Então escrevo sem palavras para compor a frase
Não tenho letras para explorar o brilho de um soneto
A cada dia a escuridão me cega com uma nova língua inversa
Tudo escurece quando afundo. Desmaio. Ainda é meio-dia
Quando desperto eu ultrapasso a linha da razão
A alvorada chega e me sacode com seu retrato abstraído
Eu me espanto, é outro dia, o trem apita, o bonde passa
Tudo começa, tudo termina, tudo range, tudo chia
O canto entoado pela ventania não é cantado e recantado
Apenas pia no abstrato que festeja sua abstração
Não é final de mundo. É outro dia que aparece sem final
De repente tudo começa do começo sem início
Recomeça um tempo frio folheado de estampidos
Ardendo em mim eu recomeço. Experimento o que está bem dentro
Não aprovo, então me engasgo nas borbulhas desfiadas
Meu corpo se evapora do meu corpo, vai se misturando, se abraçando...
Ao seu... sem abraços... rabisco de sonhos e eu...
Transcendo um labirinto de línguas que não falam ainda
Alguém me fala e eu respondo
São só sonhos escritos para se ler na calmaria
É outro dia, o trem apita, o bonde passa...

• • • • • • • • • • • • • •

Cadeira nº 3
Maria do Socorro Cavalcanti

Patronesse: Edna Monteiro Moreira | cavalcanti.s@hotmail.com

Preservação da Natureza

Qual a preocupação que temos demonstrado, teoricamente, e a ação exercida para com a preservação da natureza no globo terrestre?

Como estamos nos conduzindo perante a afirmativa do desequilíbrio da natureza, provocado pelo modelo de crescimento econômico adotado, que vem gerando, para alguns, riqueza e fartura e, por outro lado, miséria, degradação ambiental e poluição crescente?

Com certeza, estamos sendo movidos pelo grau de conhecimento que obtivemos a respeito e, sobretudo, pelo nível de responsabilidade que nos é peculiar.

É indispensável, todavia, caminharmos em busca de novos subsídios para o aprimoramento do nosso conhecimento, com vistas à tomada de consciência, e assegurar a todos, uma vida mais justa, saudável e promissora.

Cada um deve, portanto, desempenhar seu papel para livrar a sociedade que se encontra em perigo e despertá-la para uma consciência ecológica que se traduza em ações cotidianas.

Igualmente, as instituições, de um modo geral, não podem negar seu contributo, tampouco desconhecer a recompensa dessa operação que tem abrangência universal.

Assim pensando, a Academia Feminina de Letras do Ceará (AFELCE), cede espaço na sua Revista Mulheres e Letras, para que seus integrantes possam se pronunciar contra a degradação do meio ambiente, elevando a voz em favor da natureza, defendendo seus recursos: a fauna e a flora; a água e o ar, enfim, ajudando a salvar o planeta.

Temos esperança de que esse trabalho, voltado para divulgar a necessidade da adoção da consciência ambiental, tenha repercussão significativa e conduza, gradativamente, as pessoas e instituições dos bens naturais a conservar os recursos que ainda nos restam e resgatar a relação: cultura/natureza, sociedade/ambiente.

Contudo, haverá de ser enfrentado, por todos nós, uma realidade que apresenta graves danos advindos da ignorância de uns, da passividade de muitos e da ganância de grupos que, firmados no modelo capitalista, buscam a riqueza monetária, em detrimento da natureza, do bem-estar de toda a população.

Para tanto, é importante lembrar que a Constituição Federal Brasileira, em seu artigo 225, garante: "Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sua qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações".

Para atingir essa finalidade, além do respaldo da lei maior, da carta magna, inúmeras instituições governamentais e não governamentais dedicam-se a esta causa.

Que cada ser humano reflita e se engaje nessa luta pela preservação da natureza, pela garantia do desenvolvimento harmonioso, socialmente justo, respeitando a obra de Deus à NATUREZA.

Esse desejo não é utopia, não é sonhar em vão. Não! Absolutamente! Avançamos muito e muito mais haveremos de fazer para que as matas, os rios e o mar sejam respeitados e admirados e o ar que respiramos, a água que bebemos, a comida que comemos sejam isentos de produtos maléficos, para garantir a nossa saúde, o nosso bem-estar físico e espiritual.

Sim, que seja estabelecida, com nossa participação, a harmonia entre a natureza e o ser humano, para tornar possível a nossa vivência num "meio ambiente" ecologicamente equilibrado e sadio.

ISSO É O QUE DEVEMOS DEIXAR PARA AS FUTURAS GERAÇÕES!!!

• • • • • • • • • • • • • • •

O Rio

O rio da minha infância agia de forma profunda,
exibindo seus contrastes de beleza e medo!
Ele trazia tudo... Parecia querer virar o mundo,
cantando, assobiando com a voz linda e fecunda!

Oriundo do rochedo, ele trazia um segredo,
enfrentando o arvoredo, como se fosse um brinquedo,
derrubando barreiras para lavar o lajedo,
espumando, gritando, só para mostrar seu enredo.

Ele manifestava ao mundo, num segundo,
o medo do arrastão para a lama, o nada, o fundo!

Imponente, descortinava as paisagens
do sol e da chuva, refletindo nas suas margens,
na correnteza da água, em direção ao mar celestial.

Altivo, anunciava para todos a necessidade do sobrenadar,
para ver a beleza da terra molhada,
trabalhar e colher os frutos que ela poderia dar.

O rio da minha infância demonstrava, a quantos queriam ver,
a existência do belo e do feio, do bem e do mal,
para ver com qual desses caminhos, valeria a pena conviver!

O Poeta

Dizem que o poeta é **um solitário louco**,
vive somente para a poesia.
Mas ele não esquece o mundo nem fica mouco,
encara o amor e o progresso com primazia.

Dizem que é **um esperto fingidor**,
fantasia o amor, a felicidade e a dor,
Entretanto ele toca a alma do amado e do traidor,
como um verdadeiro observador.

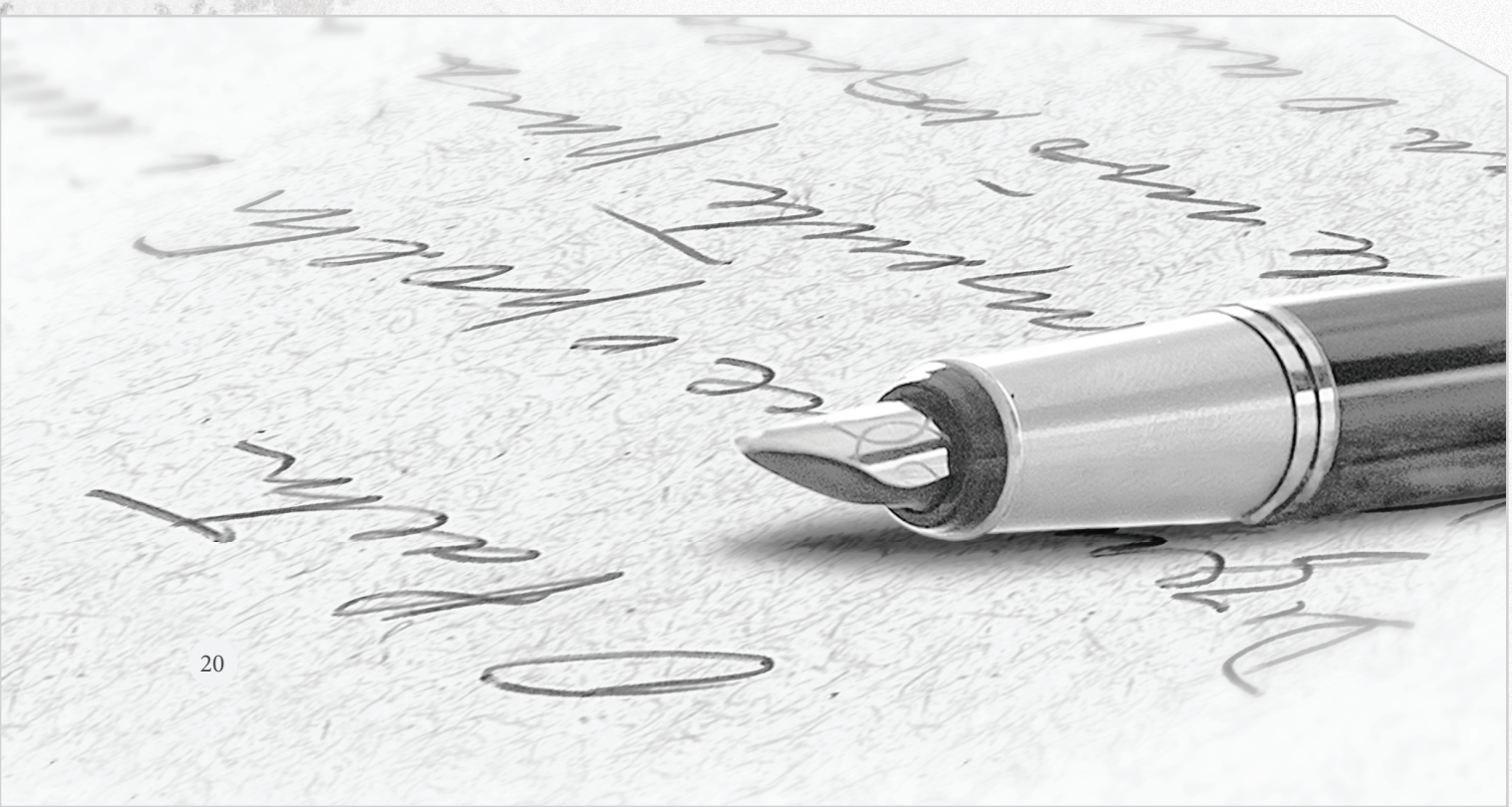
Dizem que é **um perfeito egoísta**,
faz prevalecer sua voz, sua palavra, sua visão.
No entanto ele escreve para os outros como analista,
mostrando tudo, com sentimentos, firmados na razão.

Dizem que é **por demais triste**,
chora, lamenta e traz tristeza.
Isso não é verdadeiro, é chiste,
chorar também traduz grandeza.

Dizem que é **deveras confuso**,
aprova e rejeita, festeja e lamenta a toda hora.
Todavia a sabedoria está inclusa,
com a fé e a lucidez que afloram.

Dizem que é **excessivamente irônico**,
critica o céu e a terra sem atenuar.
Contudo, ele quer desnudar o homem insano, daltônico,
que não sabe amar e deixa a guerra no ar.

Ele, o poeta, é de fato um ser profundo,
que com seu olhar forte e a luz direta,
encanta, seduz, toca fundo.
Só Deus para fazer o Poeta!



Cadeira nº 7
Francisca Benildes Batista

Patronesse: a própria | benildesbatista@hotmail.com.br

Silêncio de Deus?!

Diante de tantas lágrimas: flores e velas,
Atentados impiedosos e truculentos;
Estampidos e conflitos recorrentes;
Corrida contra a morte, tapete humano;
Seres expostos à sorte adormecida.
Por quê?

Radicalismo islâmico; dor na falta de amor.
Terroristas, estilhaços de vidro,
Mentes repletas de animosidade,
Desagravos implacáveis, contínua intolerância.
Guerra Santa? Holocausto?
Por quê?

Extermínio sem precedentes,
Ceifando vidas que tinham sonhos inocentes,
Bataclan! Paris! em nome da religião,
Bombas despejando abismos e frustrações,
Decadência das nações.
Por quê?

Reflexo escatológico do ser humano?!
Assombrado clama paz, compaixão.
No seio dos mulçumanos e cristãos,
Amor, união despertem na linha dos raciocínios
Dos grandes crânios!

Vida Singular (à minha mãe)

Intensa demonstração de amor,
Mulher de sentimentos elevados,
Pautados pela paciência, generosidade,
Equilíbrio espiritual e emocional;
Deus sempre iluminou seu coração.

Renúncia, dignidade e sublimação.
Cada vez mais presentes em sua vida,
Interação e diálogos unindo-a ao próximo,
Adequada ao seu próprio bem estar.
Deus presente em seus desafios e trajetórias.

Amor próprio e tirocínio não lhe faltam,
Vínculos de profunda aliança com o ser superior,
Mergulhada em seus projetos de vida,
Nada lhe desapontava, seguia em frente,
Superando suas urgências, odisseias e solidão.

Deus de amor, que ameniza suas dores,
Jorrando raios de luz e bênçãos perenes!
Vida da minha vida, minha amada mãe,
Amada filha de Cristo Jesus!
Elizabete, meus respeitos e minha eterna gratidão, mamãe!
Visto que vives das benesses de amor perpétuo e glórias, merecidamente!

Cadeira nº 10
Francinete de Azevedo Ferreira

Patronesse: a própria | francineteazevedo@hotmail.com

O Poeta e sua Casa Iluminada

A professora Sinhá ou (tia Sinhá) já estava aposentada. Morava numa casa simples, mas agradável. Sua única riqueza, dizia ela, era a sua biblioteca, da qual se orgulhava muito.

As crianças do bairro se reuniam, na casa de tia Sinhá, para fazer pesquisas em seus livros. E a professora, como sempre, dava uma mãozinha, quando percebia que elas sentiam dificuldades em resolver alguma tarefa escolar.

Um dia, as irmãs Sarita e Sâmia foram até a casa da tia Sinhá. Queriam resolver uma tarefa de casa e precisavam pesquisar sobre o assunto. Ao folhearem um dos livros da biblioteca, viram a fotografia de um senhor já idoso, de longas barbas brancas. Imediatamente, Sarita perguntou:

– Tia Sinhá, quem é esse senhor Juvenal Galeno? Ele é tão simpático!

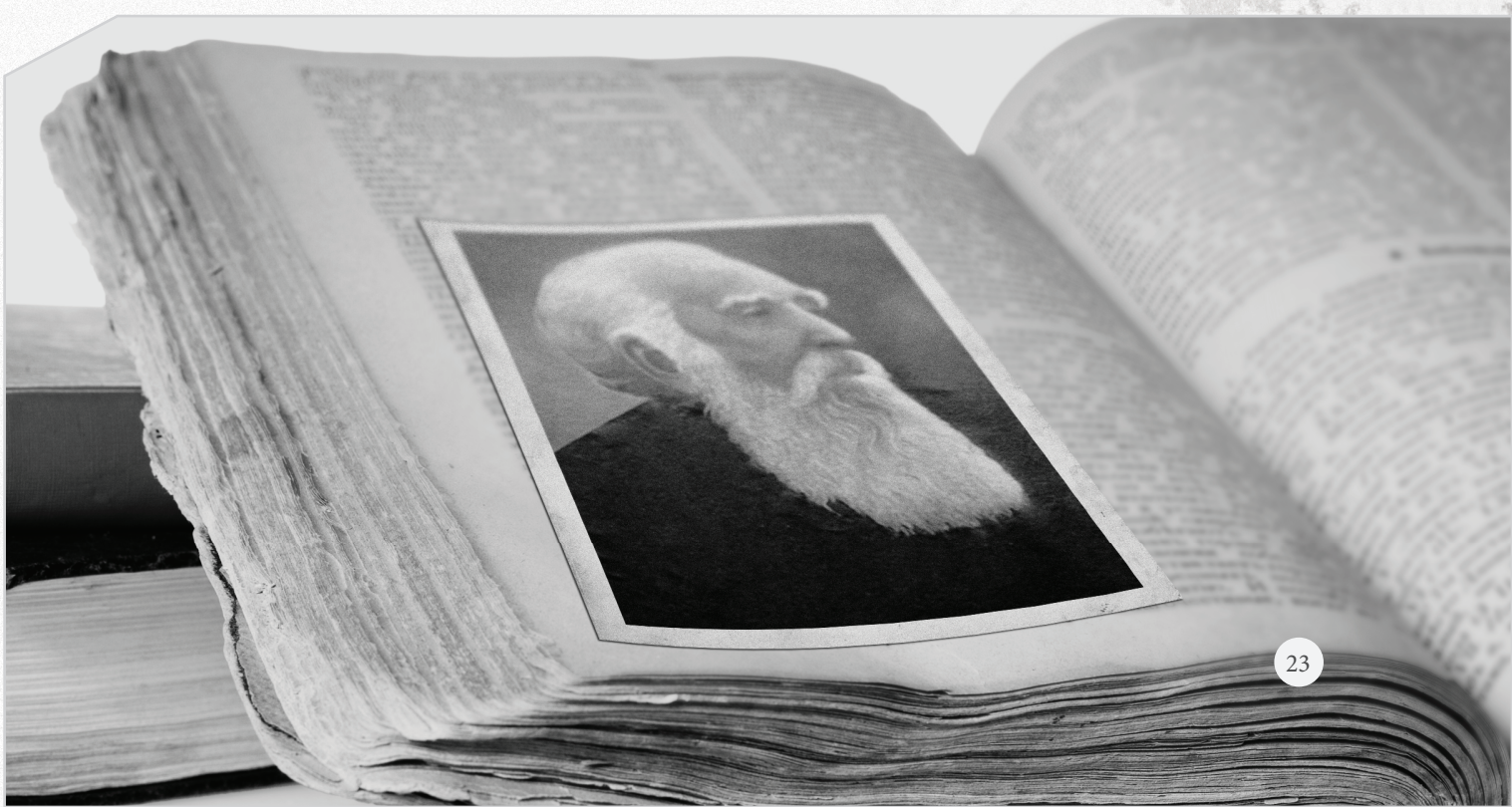
– Ah, Sarita! Juvenal Galeno da Costa e Silva era o nome completo do nosso grande poeta cearense. Ele nasceu em Fortaleza, no século XIX, no dia 27 de setembro de 1836, mas passou a infância no interior.

– Tia Sinhá – interrompeu Sâmia – veja este livro: Lendas e Canções Populares, é também do poeta Juvenal Galeno?

– Sim! Este livro é considerado a obra prima do poeta. Neste ano, 2015, completa 150 anos da sua primeira edição. O livro ficou conhecido em todo o Brasil.

– Fale-nos sobre ele, tia Sinhá, pediu Sarita.

– Bem, Juvenal Galeno era casado com a senhora Maria do Carmo Cabral Galeno, carinhosamente, chamada de Dona Mariquinhas. Tiveram sete filhos: quatro homens e três mulheres.



As meninas, demonstrando interesse pela história, sentaram-se ao lado da professora Sinhá, arregalaram os olhinhos e ficaram atentas a tudo. A professora continuou a narração:

– A casa em que o poeta veio morar, quando retornou do interior, ainda é a mesma da General Sampaio, número 1128. É uma casa iluminada, porque recebe escritores, artistas, pessoas que amam os livros, a literatura, as artes. Aos setenta anos de idade, Juvenal Galeno teve uma doença chamada glaucoma e, por causa disso, ficou cego. Naquele tempo, a medicina não havia descoberto o remédio eficaz para a cura da doença.

– Tia Sinhá, o que ele fez para continuar escrevendo seus poemas? – indagou a menina Sâmia.

– Sua filha Henriqueta Galeno, uma moça educada, advogada, dedicou todo seu tempo ao pai. Ele ditava os poemas, e ela os escrevia no papel. Depois, publicava em livros e jornais. Embora não saísse de casa, recebia a visita de amigos, escritores, convidados, autoridades. Suas filhas, Henriqueta e Julinha Galeno, realizavam reuniões literárias, bailes, saraus, e a sociedade cearense comparecia à Casa do poeta, para prestigiá-lo.

Ele foi o maior poeta popular do Brasil, imaginem, crianças: Juvenal Galeno foi um abolicionista!

– Tia Sinhá, então ele defendia os escravos? Que maravilha! E o que é ser poeta popular? – perguntou Sâmia.

– Juvenal Galeno não aprovava a escravidão. Ele respeitava o ser humano. Para ele, não importava a cor da pele, mas sim, o caráter e o procedimento da pessoa. E ser ele um poeta popular significava dizer: Juvenal Galeno escrevia poemas para o povo. Ele procurava, nas coisas simples do dia a dia, inspiração para escrever seus poemas. Por exemplo, no cajueiro, na jangada, no homem do campo, no vaqueiro, na rendeira, nas lendas, nas cantigas populares, na medicina caseira etc. Muitas vezes, escrevia poemas para os filhos, netos, amigos. Sempre foi muito querido e respeitado pelo povo cearense.

Tia Sinhá respirou um pouco e continuou:

– No dia 7 de março de 1931, já quase com 95 anos, o nosso poeta Juvenal Galeno viajou para a Casa do Pai. Foi recitar poemas para os anjos do Senhor Jesus, mas a sua Casa continua de portas abertas, iluminando os escritores e artistas de nossa terra. Hoje, quem dirige a Casa é seu bisneto: Antônio Santiago Galeno Júnior, uma pessoa tão gentil e educada quanto foi seu bisavô Juvenal Galeno da Costa e Silva.

As meninas ficaram entusiasmadas com a história do Poeta e de sua Casa Iluminada.

A professora Sinhá não podia esconder seu contentamento. Afinal, a sua biblioteca estava fazendo mais sucesso do que a internet, pois nem toda criança possuía um computador em casa. E ela se tornava útil, importante.

Bakhita, Uma Menina Iluminada

Era uma vez, uma menininha negra, muito simpática, de olhos grandes, brilhantes, nascida na África, filha de escravos.

Em épocas passadas, os negros escravos eram vendidos ou trocados como se fossem mercadorias, objetos.

A menininha, por ser esperta, inteligente, chamava a atenção dos vendedores de escravos.

Certo dia, ela foi raptada da casa de seus pais por gente maldosa, levaram-na para ser vendida aos senhores brancos.

O medo, o pavor fizeram a menina esquecer o próprio nome, então os vendedores de escravos passaram a chamá-la de Bakhita – que significa "afortunada".

Vivendo em cativeiro, a menina apanhava de chicote, era presa a correntes, humilhada, sofria muito, mas apesar de maltratada, era paciente, conformada, sonhadora. Queria ser livre como era seu pensamento, porque este, os donos de escravos não podiam prendê-lo.

Quando estava sozinha e olhava para o céu todo estrelado, para as nuvens escondendo a lua ou quando admirava as flores, os pássaros ao raiar do dia, ela se perguntava: "Quem será o dono de tudo isso? Gostaria tanto de conhecê-lo"!

Bakhita foi crescendo cheia de esperanças. Anos mais tarde, ela seguiu com seus donos para a Itália. E lá a sua vida foi de alegrias. Conheceu outro casal italiano que tinha uma filha e a jovem Bakhita foi morar com eles, tornando-se babá.

Por motivos políticos, o casal viajou para a África, deixando a filhinha e Bakhita aos cuidados das freiras canossianas.

A vida religiosa encantou Bakhita que foi batizada, recebendo o nome de Josefina.

Daí em diante, passou a estudar religião, dedicou-se aos pobres, realizava atividades no Convento, vivia a serviço de Deus. Bakhita, a jovem Josefina Bakhita, tornou-se freira.

A "Irmã Morena", como era chamada por todos, envelheceu, ficou doente e partiu para o Céu, sorrindo, pronunciando o nome de Nossa Senhora.

Dentro e fora do Convento, todos choraram a morte da "Irmã Morena".

Ela foi tão generosa em vida, que depois de sua morte, as pessoas faziam pedidos a Jesus, rogando a intercessão da "Irmã Morena". E muitos milagres aconteceram.

Finalmente, o Vaticano reconheceu os milagres da "Irmã Josefina Bakhita", e ela foi então canonizada.

A menina Bakhita que foi escrava tornou-se santa!

Santa Josefina Bakhita nasceu em 1869 no Sudão, na África, e faleceu em 1947, na Itália.

Cadeira nº 13
Maria Zinah de Oliveira Alexandrino

Patronesse: a própria | zinahalexandrino@gmail.com

Reclames do Tempo

Já despi a túnica do desespero,
Inalei dos alimentos todos os seus temperos.
Já viajei em mares de Fantasias,
Expulsando do ancoradouro os seus espias
E das sentinelas das noites, os assobios.
Já calculei a soma das minhas perdas.
Ancorei fora do tempo.
Achando-me em teus devaneios,
Encontrei-te perdido
Na abóboda dos meus seios.
Já fui a deusa de alguém,
Já fui nada para ninguém,
Já disse não, querendo dizer sim.
Já expurguei dos pensamentos
Meus desejos mais insanos.
Já expulsei seres fúteis,
Dizendo nada, eu entendo tudo.
Já me cansei de tudo nesta vida,
Não aturo mais os desenganos.
Nada mais há com que eu me engalane
Nas tenebrosas horas do meu tempo.

Saudação à Eliane Arruda Ex-presidente AFELCE

A AFELCE surgiu de uma ideia brilhante, de sua idealizadora, a escritora Eliane Arruda, e eu, assim como, algumas outras confreiras, tivemos o privilégio de participar de sua formação.

Como um rebento, ainda no ventre de sua matriarca, em plena gestação, Eliane Arruda engravidou a AFELCE em seus pensamentos e, após essa maturação ter sido moldada com seus pares, em sua residência, ela foi se formando até chegar o dia de ser apresentada em público à sociedade, no já extinto Centro Cultural OBOÉ, no dia 08 de junho do ano de 2002, com suas 14 fundadoras.

Depois de ter presidido a AFELCE, com muita proficiência, por várias gestões, hoje, merecidamente, tanto por suas potencialidades literárias, quanto pela formação dessa Academia, ocupará, agora, seu lugar de Presidente de Honra. Parabenizo nossa atual Presidente, Clara Lêda de Andrade Ferreira, pelo reconhecimento à nossa criadora, de ocupar tão honroso cargo, o qual concordo com meu respeito e admiração.

Parabéns à nossa Presidente de Honra, Eliane Arruda.

Cadeira nº 14
Ana Maria do Nascimento

Patronesse: Antonia Alves Moura | anascimento2001@yahoo.com.br

Necessária Maturidade

Revivendo o desencanto
de perder um grande amor,
tento encobrir o meu pranto
para a vida recompor.

Muitas vezes, minha luta
é completamente em vão,
eu sofro e ninguém escuta
a dor do meu coração.

Sei que careço d'um jeito
para este pesar ter fim;
instalou-se em meu peito
e me deixou triste assim.

Mas quem no cerne conduz
a essência de uma saudade,
só consegue encontrar luz,
em total maturidade.

Instâncias do Amor

Por não querer permanecer sozinho,
meu coração conserva um grande amor,
que lhe permite agir igual mocinho,
no limiar do virginal primor.

Para enfrentar um turbilhão todinho,
nessa passagem de integral valor,
acreditando que aprendeu cedinho
a libertar-se da tamanha dor.

Conduz, assim, um verdadeiro sonho
para manter o seu olhar risonho,
acalantado na total magia.

E segue em frente com semblante pleno,
arquitetando um conviver sereno,
vivendo longe de qualquer orgia.

Destino Solitário

É dolorido ver um ser menino
habilitado em grandes falcatruas,
perambulando, sem nenhum destino,
em face aos baixos cábulos das ruas.

Por isso, sempre peço ao Pai Divino
o predomínio de sublimes luas
que possam transformar o errado tino
e dar aos homens vidas menos cruas.

Embora o meu humano e pobre apelo
não traga o resultado desejado,
merece demonstrar o seu desvelo.

Pois acredito que Jesus, o Mestre,
jamais vai recusar ao filho amado
ser feliz no caminhar terrestre.

Cadeira nº 16
Maria Argentina Austregésilo de Andrade

Patronesse: Alaíde de Souza Lima | gutemberg.andrade@terra.com.br

Amor Incondicional

Quem, ao falar em amor incondicional, não lembraria de Jesus de Nazaré, com seu imenso amor a salvar a humanidade. Quem não retrataria Maria de Nazaré, mãe de todos nós.

O amor incondicional é aquele que se doa, sem pedir nada em troca. É aquele amor e tenho a certeza que ontem, eu não amei menos que hoje e amanhã, amarei com muito mais intensidade.

Por este amor, você ultrapassa qualquer tipo de tempestade, tropeça em muitos obstáculos e, mesmo assim, não se deixa cair, não desiste, e não altera sua rota, e não permite que seu brilho seja ofuscado.

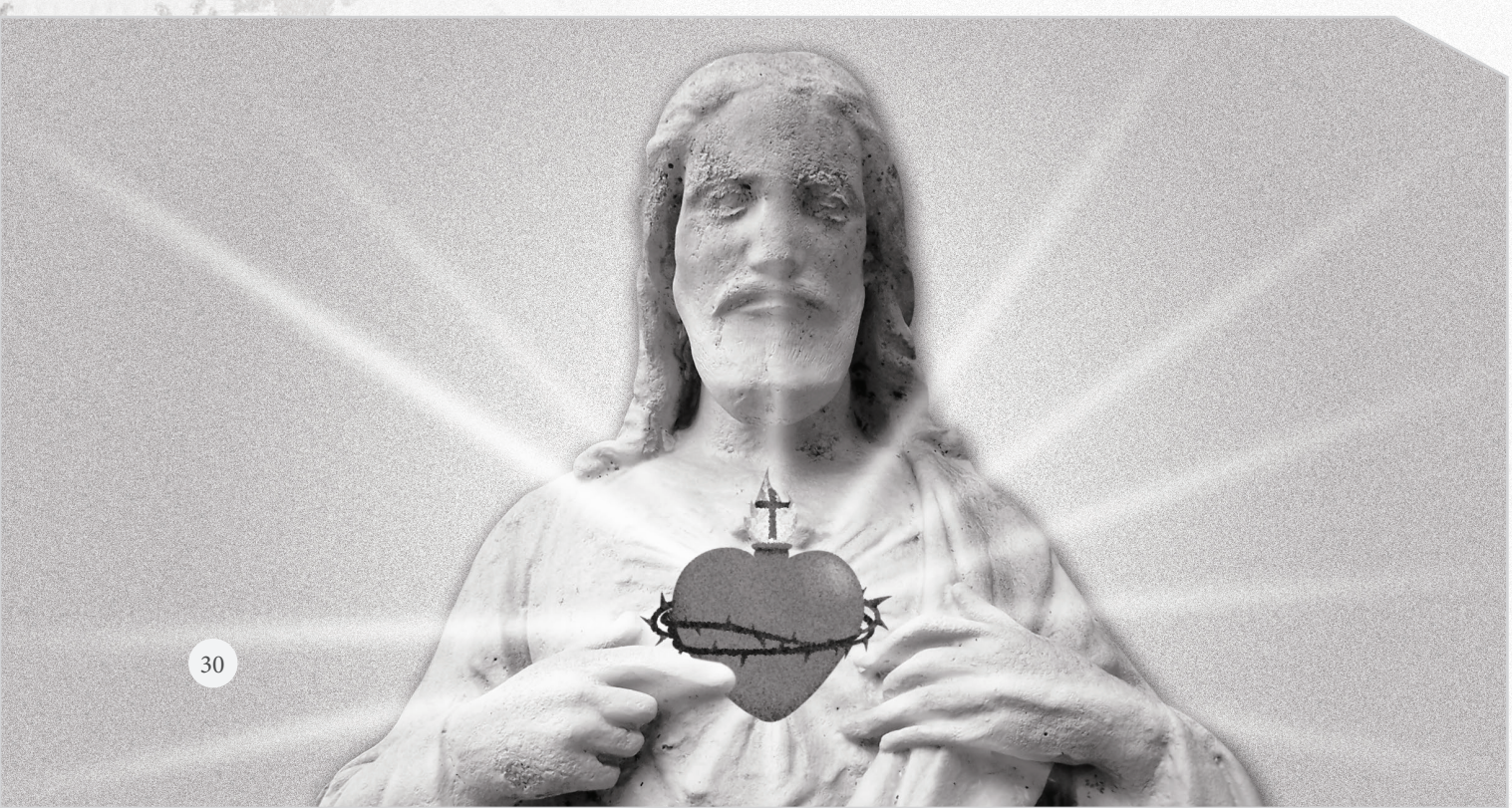
Quem possui um amor incondicional, sente que tem força, mas não se envaidece, não alardeia sua existência, é simplesmente amor humilde, puro, desprendido e justo. Por isso se torna grandioso.

Os corações que vivem este tipo de amor, mesmo depois que param de bater, são sublimes. Por isso, guardam dentro de si, tanta ternura.

O amor incondicional não faz de conta que é, não vive de fantasia e não se traveste de ilusões para prosseguir seu caminho. Ele é por si só inteiro, não agoniza e, muitas vezes, inexiste aos olhos dos outros. Mas quem ama incondicionalmente, sabe a receita exata de vivê-lo sem dores.

O amor se torna incondicional, quando ele já se acomodou dentro do peito, já se conformou com a estrada que percorrerá e já não há mais possibilidade de derrapar, em nenhuma curva desse caminho, ou ser atropelado por qualquer dúvida.

O amor incondicional é aquele que doa o melhor de si, mesmo que esteja recebendo o pior de alguém, porque esse amor não depende de ser querido, nem de ser aceito e não esmorece, caso seja ignorado. Este amor é daqueles amo-



res que, no passado, já sangraram muito, latejaram, abriram novas feridas, mas que, ainda assim, não deixaram marcas nem cicatrizes, porque a partir daí, resplandeceram e passaram a viver em eterno estado de graça, até o instante em que se eternizaram.

O amor incondicional não corre atrás de sonhos impossíveis, porque não precisa disso. Ele já é maduro. Há muito, deixou de ser adolescente, e envelhecer também não está em seus planos. Porque o amor que se torna velho é um amor cansado, desgastado, exaurido.

O amor incondicional é sempre ativo, independente, coerente, auto suficiente, porque se reserva o direito de ser solitário e, ainda assim, completo e realizado, já que nele existe a certeza de sua inocência, pureza e sinceridade.

Existe um encontro marcado entre o amor incondicional, a glória e o esplendor, em algum canto do mundo, em algum instante da vida, ou em algum momento após a morte. Mas ele não conta os dias para isso acontecer, nem sequer consulta o relógio, embora para ele o momento desse encontro seja a grande magia da sua existência.

O amor incondicional é de uma elegância imensurável, de uma postura irresistível e de uma personalidade única.

Felizes daqueles que são merecedores de ser amados incondicionalmente e, mais felizes ainda, aqueles que se permitem amar assim, porque são eles os grandes heróis da vida.

O amor incondicional é uma arte. Ser amado assim, um presente divino!

• • • • • • • • • • • • • •

Transmutação de um Andarilho

Caminhar lento,
Peregrinação.
Resistência ao tempo.
Fim de tarde,
sol na linha do horizonte
se doura, crepúsculo...
Pinceladas caprichosas,
últimos raios solares.
Ensimesmado, contemplativo.
Fita o desaparecer do sol.
Transporta pensamentos,
dimensão bem alta.
Misto de surpresa, inquietação.
Pensamento em Deus,
prece silenciosa,
sentimento mudo...
Desejo de auxílio,
profunda compaixão.
Caminha...
Pés na aflição, labor anônimo,
sacrificial...
Dias de angústia,
dor libertadora,
busca...
Inesperada transformação,
milagre a realizar,
anseios por libertar-se,
desejo de voar...
Quebrar cadeias,
dolorosas lembranças,
fortes emoções,
reflexões dispersas,
grande gratidão.
Pensamos!
Sentimos!
Realizamos!
Somos!
Expressão da vida.

Cadeira nº 17
Rita Guedes

Patronesse: Alba Valdez | rguedes22@hotmail.com

Abre Teus Braços

Abre teus braços, busca a felicidade!
Sorri, abraça essa imensidão desnuda.
Pisa descalça, sobre a areia nua, tão tua!
Deixa a brisa tocar teu coração e flutua...

Corre de encontro ao vento que sopra,
Sente o mar beijando a areia submissa.
Sente a suave fragrância que vagueia
No ar de teus pensamentos e os semeia!

Semeia no manto azul do céu e do mar,
Teus sonhos, teus anseios em segredo.
Corre em busca da liberdade,
Navega no mar da vida, mas sem medo!

Entrega a Deus todos teus sólidos desejos,
O fulgor das estrelas guiarão teus passos,
E na plenitude do amor, terás teu espaço,
Cantarás a força do Universo num abraço!

Cadeira nº 18
Sonia Maria Nogueira

Patronesse: Núbia Brasileiro | sogueira@yahoo.com.br

Je Suis a Paris

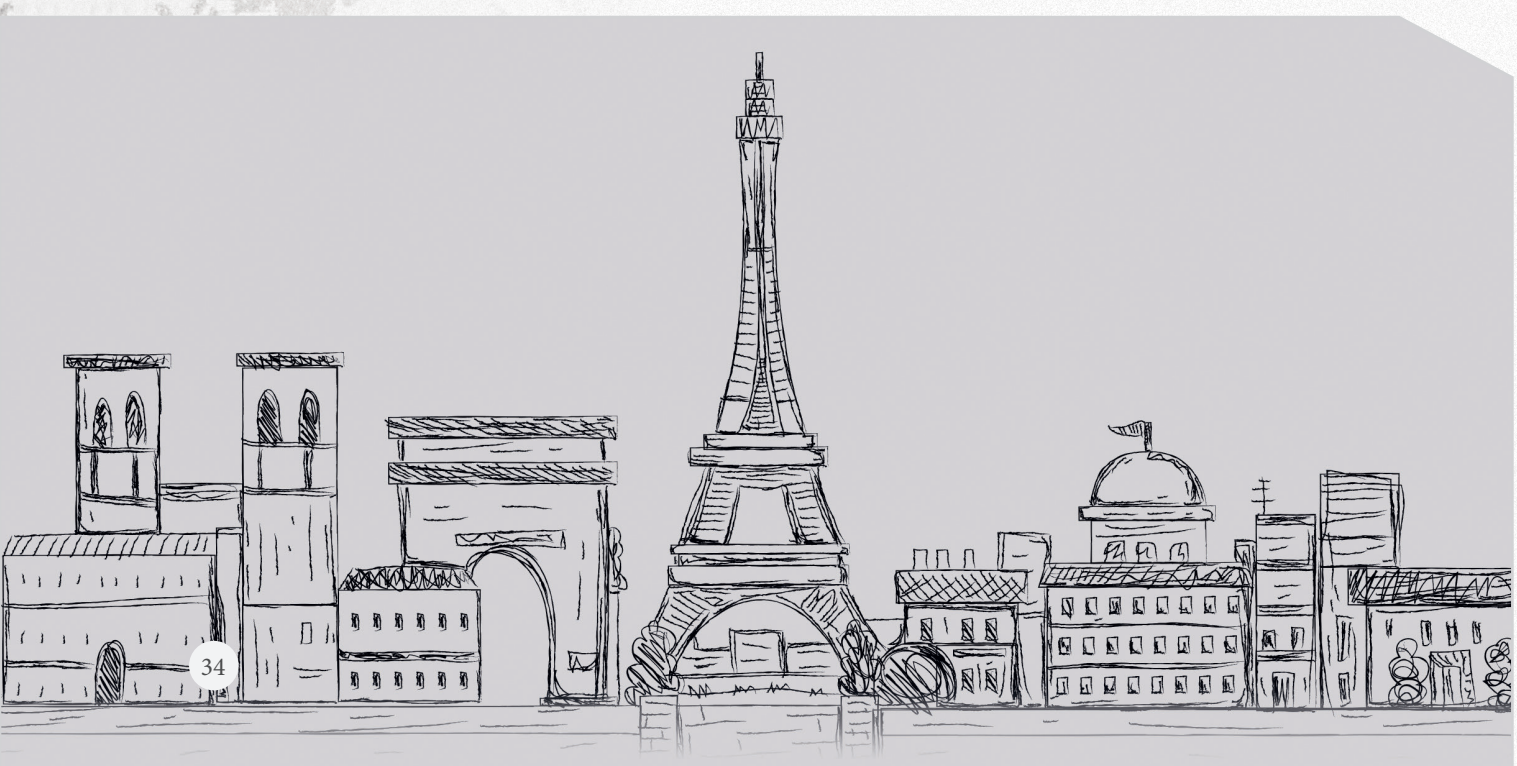
Nos meus sonhares distantes, Paris não fazia parte do pacote. Portugal sim. Nossa mãe primeira, com poderes de colonização e língua materna. O destino, todavia, arruma situações inesperadas, que recusamos e, de pronto, decidimos aceitar.

Foi assim com *A Divine Acadèmie Française des Arts Lettres et Culture*, sob a direção da brasileira, radicada em Paris, Diva *Pavesi*. Através da acadêmica Socorro Cavalcanti, fui convidada, como também colegas de academias diversas de Fortaleza, a fim de participarmos, na condição de acadêmicos correspondentes, da *Divine Acadèmie*. Recusei. Preferi colaborar com a coletânea bilíngue "Ceará en Scène", lançada no *Salon du Livre*, em Paris, em 21 de março de 2015.

Bem que tentei assistir ao filme "A Teoria de Tudo", com a história do físico Stephen Hawking, selecionado para o Oscar 2015. Duas vezes, na ida a Paris e duas vezes ao regressar, o sono, a frieza, o silêncio do voo, tudo favoreceu para adormecerem minha mente sem que conseguisse chegar ao final. Nestas horas, grandes asas atravessam o oceano, e entregamos nossa vida a Deus e ao piloto, esquecer é a melhor opção.

Chegamos ao bairro *Gare Montparnasse*, onde está o *Timhotel*, local da nossa hospedagem. Paris estava gelada, 4ºC e 6ºC, o frio atravessava todas as peças aconchegantes do meu corpo, sem cerimônia.

Não me emocionei, apesar de estar numa cidade de primeiro mundo, diferente em sua arquitetura. Vi a Paris antiga. Ao visitar o Palácio de Versailles, é que senti Paris sob meus pés, com seus imperadores: Luis XIV, XV, XVI, o tímido e dominado pela extravagante esposa Maria Antonieta. Eu, ali pisando o solo reservado à nobreza, recordei



minhas aulas de História: a Queda da Bastilha, o marco da História Contemporânea, pela Revolução Francesa, dominada pelo povo que assistia ao fracasso do império.

No Museu do Louvre, uma fortaleza militar, em 1190, o palácio. Subi em um cubo, na entrada, e apontei para a pirâmide de vidro no centro, a dizer: todos são iguais, com direito à liberdade, igualdade e fraternidade. Estamos aqui para preservar teu brio, apreciar a cultura, imortalizar tua história, Paris do ouro, o marco da história.

Paris

Jamais sonhei em pisar teu porte
da história, que nas palavras eu li,
das lutas e vitórias que comovem,
mas ali cheguei, e teu encanto eu vi.

Uma cidade pálida, fria, sem folhas
que o gelo apagou, mas virá noutra
estação, verde a enfeitar sem escolhas
o olhar ávido do turista em outra emoção.

Não conheci Paris, apenas
rabisquei uma olhada distante, da
cidade antiga, igual na arquitetura,
nivelada às classes favorecidas.

Adentrei o Museu do Louvre assim:
uma hora, extasiada na arte milenar
e o pensamento rápido fugia para ver
as mãos hábeis para esculpir, pintar.

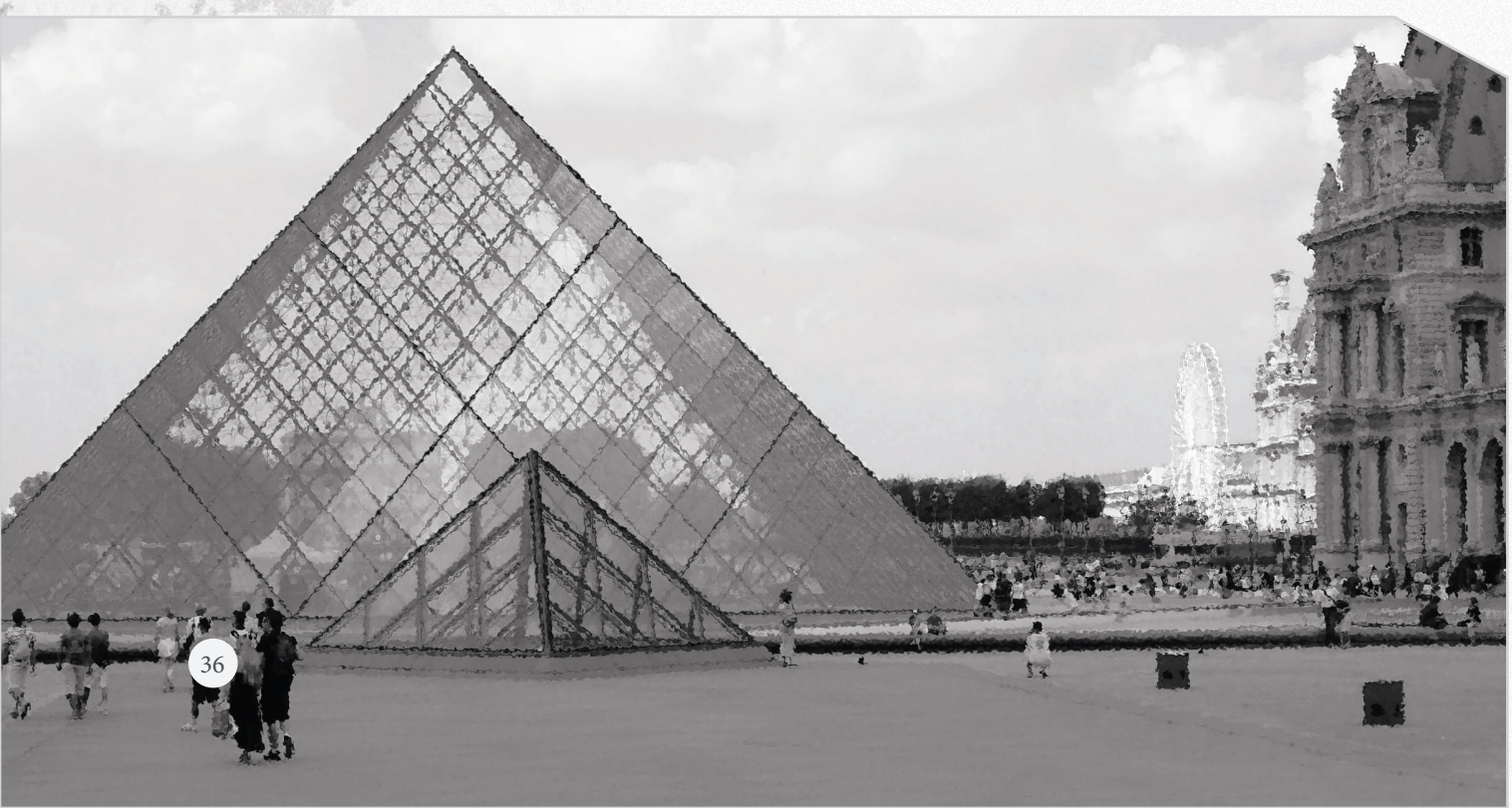
Tão imponente e extenso outro espaço
na multidão, o Palácio de Versailles,
como relâmpago foi apenas um naco
à procura do Rio Sena com belos ares.

Nas ruas, poucos ônibus, raros rostos,
por baixo da terra, o povo fervilhava,
automóveis paravam a um pé exposto,
o arroz e feijão? O sabor nem sonhava.

Não conheci a Paris moderna, colorida,
onde habitam os menos favorecidos,
também um grande centro econômico,
de contrastes, nos arredores, conflitos...

Canto para ti, Paris da arte, da fortuna,
onde o euro pesa como ouro e poder,
na fé religiosa, nos templos, uma lacuna
que o visitante busca sem esquecer.

A Torre Eiffel, majestosa, edificada,
tal qual o Cristo redentor do Brasil,
o olhar avista em qualquer jornada,
como guardiões, no seu belo perfil.



Cadeira nº 21
Maria Ida Francisca Rodrigues de Carvalho

Patronesse: Emília de Freitas | baida.carvalho@gmail.com

Vem

Por que escravo sermos
de vidas certinhas e indecisas,
de princípios malfadados
e momentos não antes planejados?

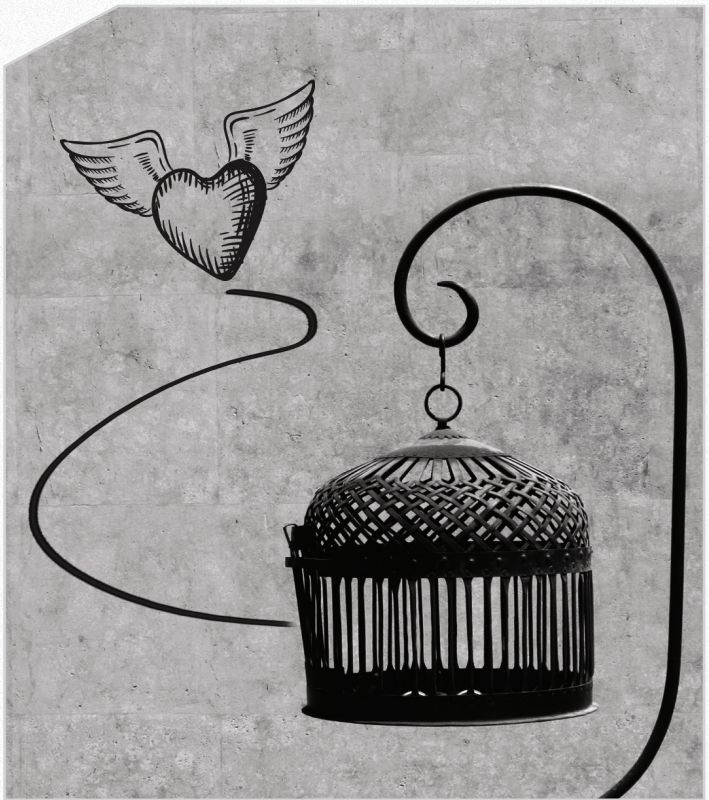
Por que escravos sermos,
se para ser feliz não se precisa
de condições eternas e não concisas
forçando-nos a atos tão inadequados?

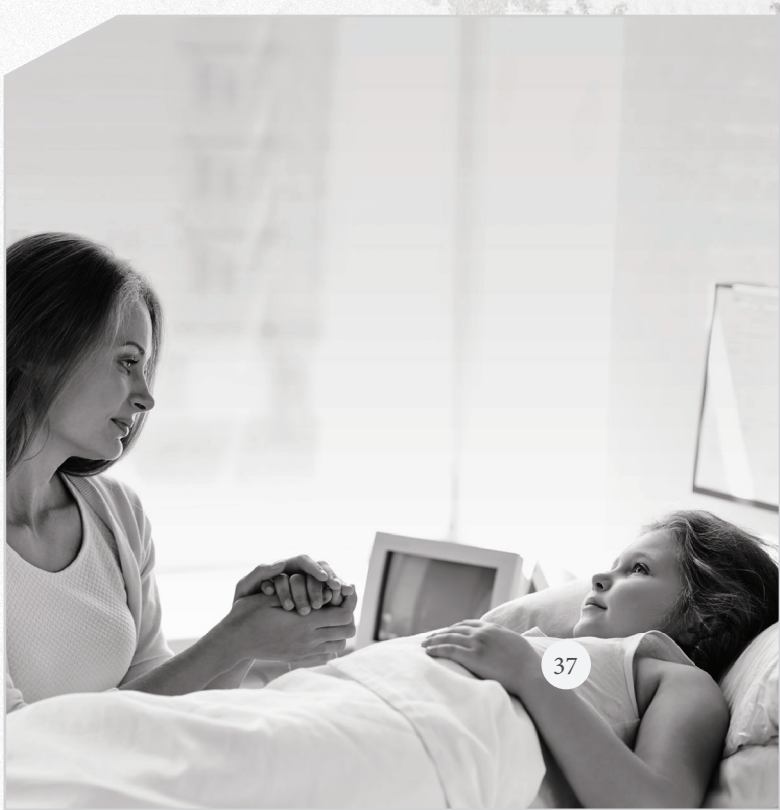
Vem, livremo-nos da escravidão
de vidas tão falazes,
projetos tolos, incapazes
de traduzirem o que se vai na alma.

Vem, saboreemos esta paixão!
Mas vem com calma,
quando se ama, não existe pressa...
Libertemos as amarras do preconceito!
Vivamos o que não tem mais jeito,
antes que o tempo nos conduza a essa...

Enigma

Tu me falas de angústia e solidão
e minha maneira de ser, vens criticar,
mas, se acaso, entro em depressão,
te preocupas e vens me consolar.
De cada prego tirado do caixão
de minha morte, que temes ao pensar,
sinto prazer, quem sabe, comoção,
só em saber que andas a rezar
para que eu viva e chegue a compreender
o enigma que não quiseste decifrar.
Quando me estendes a mão,
se estou sofrendo,
num gesto bem teu, queres dizer
que sentimento não está no coração,
mas na essência de todo nosso ser.





Simplesmente

Para falar de você,
eu não preciso de flores,
de saudade nem de luar.

Para falar de você,
eu não preciso de cores,
nem de ondas reluzentes
na praia a se espraiar.

Para falar de você,
basta apenas, simplesmente,
o brilho dos seus olhos
encontrar o meu olhar.

Recomeço

Vem me querer, o tempo é agora!
Vivamos nossos sonhos...
Não importa que meu coração se parta
ao raiar da aurora
e, se amanhã, seremos dois estranhos.
Quem disse que não é isso que almejo?
Vem, quero sentir o gosto do teu beijo,
ser amada pelo avesso.
Quero brindar tua alegria farta,
e ter-te por perto.
Quero saciar-me em teu querer confuso.
Não é amor conforme e certo
que desejo!
Quero um caminho torto e difuso
que me conduza a esse recomeço.

Volta

Olhei nos meus olhos
Com a cabeça erguida,
Vi o mundo de frente
E sarei a ferida.
Só saudade e vontade de te ver!
Afinal o que lucrei?
Onde está a minha alegria?
Voltei!...
Mirei toda a gente, com gosto e prazer.
O que não sentia, fingi
E dissimulei o descrer.
Sequestrei a razão,
Os momentos vivi
E jamais disse não.
Voltei!...
Procurei não pensar,
Nem querer, nem sonhar,
Com falácias pretendia
Meu pranto ocultar.
Tinha vergonha de que me vissem chorar!...
As lágrimas caindo,
Em meu rosto fugindo,
Meus sonhos molharam
E não conseguiram
Minha tristeza levar.
Voltei!...
Abafei sentimentos vãos,
Fui tapete, fui chão,
Fui pisada com calma...
Como Pilatos, lavei minhas mãos
Mas não lavei as feridas da alma!
Voltei!...
Tal qual o filho pródigo, procurei
A paz no teu abraço;
Minhas dores e cansaço
Nos teus braços mitiguei
E repousei...
Foi por isso que voltei!

Cadeira nº 26
Maria Nirvanda Medeiros

Patronesse: Jandira Carvalho | nirvanda.medeiros@gmail.com

Criança, Maior Tesouro

Criança, como estás?
Tua felicidade
É completa, com carinho
De teus pais.
Sim. Acredito que sim.
Só com o amor dos pais,
Terás felicidade.
Criança, como estás?
O momento te merece.
Sonha, ama e tem paz,
Que você se aquece.
Criança, como estás?
Esperando melhorias!

Que esperas do mundo?
Harmonia, amor...
Criança, o futuro
Te espera com louvor
E, viver com orgulho.
Criança, sejas feliz,
Brinca, estuda, canta...
Sejas sempre aprendiz.
Que o mundo te encante.

Nascimento do Menino Jesus, O Salvador da Humanidade

Natal é comemorar
O nascimento, Salvador.
Surgiu a luz, festejar...
Glória a vós, Senhor!
Pai das luzes, iluminai
Caminhos da humanidade.
Príncipe da Paz, abençoai,
Com a sua divindade.
O anjo anunciou
A MARIA, nascimento
De Jesus, para nós, brilhou.
Que belo acontecimento!
Divino seja Deus,
Nosso Pai Eterno,
O Pai das luzes, DEUS.
Senhor Jesus Cristo, terno.
Festa da solidariedade,
Chegada do MENINO
Jesus, para a humanidade.
Chegou o PEQUENINO,
E habitou entre nós,
O Filho nos foi dado,
Jesus, iluminai-nos.

Cadeira nº 27
Clara Lêda de Andrade Ferreira

Patronesse: Júlia Galeno | claraleda@gmail.com

Aninha, a menina que dava conta de tudo

Aninha é uma menina curioooosa! Qualquer coisa desperta seu interesse. Se vai à praia, não só toma banho de mar, nem só brinca de construir castelos de areia, mas quer saber o porquê de tudo.

– Por que a onda tem babado branco como se fosse um vestido de noiva, papai?

Ou então, com as mãozinhas cheias de conchas:

– Onde fica a fábrica dessas conchinhas, mamãe?

Certa manhã, ainda na cama, ouviu sua mãe comentar:

– Nossa, que tempo feio! Parece que o céu vai despencar!

Aninha saltou da cama, abriu a janela do quarto e foi verificar.

Sem conseguir ver o sol, pensou:

– Certamente, ele anda perdido em algum lugar por aí. Será?

Logo, logo, viu a chuva cair. Chegou com tanta vontade que a água correu volumosa pelas coxias das calçadas, mais veloz do que as águas do rio. Ficou por horas esperando o sol, a lua e as estrelas passarem, levadas pela correnteza.

Quando a noite chegou, Aninha se debruçou na sacada da varanda e viu que o céu estava muito limpo, podia até ver todas as estrelas sorridentes, viradas, olhando pra ela.

Imediatamente, chamou sua mãe e, apontando para o firmamento, indagou:

– Quem colou as estrelas lá no céu, mãezinha?

Dona Georgia rindo, respondeu:

– Você tem cada ideia, Aninha! Já pensou no tanto de cola que alguém precisaria para realizar esse trabalho?

No outro dia, ao se levantar, Aninha nem passou pela cozinha, foi direto ao jardim. Deitou embaixo do cajueiro e, entretida, ficou observando o Céu. Diferentemente do dia anterior, o encontrou repleto de nuvens bem branquinhas.

De lá, viu sua mãe abrir a porta da sala e comentar:

– Ah! Hoje o tempo está bonito, se não mudar, teremos um lindo dia!

Aninha pensava, pensava, querendo entender como aquele céu de nuvens alvinhas se deslocava. Em câmara lenta, elas flutuavam, flutuavam...

E a pequena dizia para si mesma:

– O comandante que ora faz de um jeito, desmancha tudo e refaz de outra maneira, só pode ser Deus!

De repente, percebeu que as nuvens haviam se juntado, como se um enorme ímã as tivesse atraído, formando um majestoso castelo. Na porta principal, uma fada segurava uma varinha de condão. Lá de cima a olhou e querendo lhe falar, assim a chamou:

– Ei, você aí! Quer fazer algum pedido? Posso lhe conceder três desejos, disse a simpática fadinha.

Mais que ligeiro, Aninha respondeu:

– Aceito sim, fadinha! Por favor, encha de carneirinhos o jardim de seu castelo, deve ficar tão bonito!

A varinha de condão girou no ar, e o primeiro desejo foi realizado. O imenso jardim do palácio foi tomado por um rebanho de bichinhos felpudos.

Passado um tempo, a fada indagou:

– E agora, qual será seu próximo desejo?

Aninha nem precisou de tempo para escolher, foi logo dizendo:

– Minha mãe adora, quando o céu está de brigadeiro, e eu também...

Não havia acabado sua fala, e a varinha de condão já fazia círculos e acrobacias no firmamento e, num passe de mágica, o céu limpou. De tão azul, ficou celestial!

Aninha olhava abismada de tanto encantamento e, quando quis agradecer à boa fada, não mais a avistou. Havia sumido no espaço, da mesma maneira como desapareceu o castelo e os carneirinhos.

Inquieta se perguntava o que fazer para realizar o terceiro desejo. E se a chamasse? Pensou. Foi então o que fez:

– Fadinha! Fadinha! Onde você está? Não se vá! Você me deve o último desejo!

E uma voz distante, quase sumida, respondeu:

– Estou aqui, Aninha, não pode me ver, porque estou azulzinha, mas, dependendo do que vai querer, quem sabe, não possa atender!

– Gostaria que abrisse a porta do céu, só um pouquinho, quero dar uma espiadinha para ver como ele é por dentro e se Deus estiver por perto, apresente-me a Esse Senhor, criador de todas as coisas. Só o conheço, através de imagem e fotografia!

A fadinha tentou, tentou e, quando o portão do céu se abriu, Aninha nada pôde ver, além do azul de brigadeiro.

A menininha ainda ouviu a fada aconselhá-la:

– Qualquer dia desses, tente outra vez!

Aninha continuou ouvindo a voz da fadinha pedindo a bênção a Deus, do jeito que ela faz todas as noites, antes de dormir, ao seu pai e a sua mãe e depois, um coral de anjinhos cantando músicas góticas.

E voando na imaginação, ainda se perguntava:

– O que será que estão comemorando lá no céu?

Pião

Para Nelsinho

O sol se faz dourado
para despertar o dia.
A terra sorrindo
acorda em melodia.

O sol se esconde
para dar vez à noite.
A terra deita na saudade,
a fitar o horizonte.

Surgem milhões de estrelas
abertas que nem janelas,
todas piscando pra ela.

Mais tarde, surge a lua
com o dedo de luz do sol,
e a terra brinca de roda na rua.

Ao Raiar do Dia

Para João Vitor

O dia surge sonolento,
sacudindo as folhas orvalhadas,
Espreguiça-se bem lento
no frescor da alvorada.

No poleiro, o galo bate as asas,
ainda embriagado de sono.
Desajeitado, chega ao terreiro,
a cantar no seu jeito cocoricado.

E o menino muito mimado,
todo encolhido na cama,
quer mais é ficar deitado.

Corre a mãe, o pai, até a tia.
Fazem todos, aquele drama,
e assim é todo dia!

Cadeira nº 29
Ana Célia Oliveira

Patronesse: Margarida Saboia Carvalho | annailec@uol.com.br

Cajueiro Florido

Cajueiro florido,
Ainda me lembro
Do primeiro amor,
Amor de adolescente
Nascido à sombra de teus galhos,
Naquela suave tarde,
Tarde de domingo.
Cajueiro florido,
Foste amigo e conivente
Com as primeiras emoções,
Primeiros sentimentos,
Daquele amor inocente!
Cajueiro florido,
Quanta saudade eu sinto
Do primeiro amor:
Amor sem cobrança,
Sem maledicência.
Cajueiro florido,
Sinto falta de tua sombra acolhedora,
Do teu fruto doce,
Da primeira paixão,
Fonte de sonhos e fantasias.
Cajueiro florido,
Meu confidente,
Em teu tronco amigo,
Existem nossas iniciais,
Em um coração bem grande,
Flechado pelo cupido.
Como eu gostaria
Que aquele amor primeiro
Tivesse resistido ao tempo,
Como nossas iniciais
Que, no tronco, persistem.

Ana Célia Oliveira

Vem Surgindo o Dia

Vem surgindo o dia,
Esplêndida é a manhã.
No céu, surge um arco-íris
Refração da luz que o sol irradia.
Vem surgindo o dia,
O sol lentamente ilumina os telhados,
O verde do campo fica dourado,
Os pássaros gorjeiam com alegria.
Vem surgindo o dia,
Esperança para o operário
Que labuta sem lamúria,
A espera de melhorias.
Vem surgindo o dia,
É a vez do loiro sol
Da clara manhã,
Vento manso acaricia.

Cadeira nº 31
Nice Arruda

Patronesse: Maria de Lurdes Hernes | adaunice@hotmail.com

Ainda Sonham, Têm Esperanças e Acreditam...

A pobreza no Brasil é alarmante.

Milhares de pessoas vivem nas ruas em condições sub-humanas, sem uma vida digna, invisíveis e despercebidas pela sociedade que discrimina e exclui. São doentes da alma, com seus conflitos existenciais e que sofrem o abandono das famílias. Surrados pelas intempéries da natureza, mendigam a falta de alimentos, um lugar para dormir, ou mesmo, um simples agasalho para amenizar o frio cortante das noites longas.

São homens, mulheres e crianças vítimas do desemprego, falta de autoestima, violência, vício de álcool e drogas, doenças mentais, entre outras causas sociais. Alguns deles são gentis e carismáticos, com encantos e talentos submersos pela máscara da indiferença. Ainda sonham, têm esperança e acreditam num amanhã melhor, mais humano. A grande maioria, no entanto, vive sem perspectiva de futuro, pois não acalenta mudanças nesse quadro degradante e esquecido pelos governantes. Outros são violentos ou violentados, queimados vivos, numa verdadeira barbárie social.

O Estado deve assegurar os direitos determinados na Constituição Brasileira a essa população de excluídos. Oferecer, de maneira satisfatória, políticas públicas que garantam a alimentação, saúde, abrigos temporários, albergues, documentação, oportunidades de empregos, que atendam a demanda e a necessidade de todos eles.

Ainda bem que existem as ONGs, as instituições religiosas, pessoas de bom coração que suprem parte dessa lacuna, preocupam-se com a dor do próximo e como "voluntárias do bem", saem de sua zona de conforto para oferecerem amparo, proporcionando dignidade e respeito a essa gente.

Enquanto estamos no aconchego de nosso lar, milhares desses abandonados estão a pedir ajuda: um prato de sopa, um pão, um doce, um carinho, um aperto de mão...

Ao ver esses moradores de rua, certamente, muitos de nós nos sensibilizaremos com suas dores. Suas histórias nos emocionam e nos levam a refletir sobre a gravidade da mazela social que ocasiona a decadência moral do ser humano.

Que sejamos solidários e possamos doar um pouco do que temos para esses nossos irmãos desventurados e, com eles, cantarmos a inspiradora canção: "Fica sempre, um pouco de perfume, nas mãos que oferecem rosas, nas mãos que sabem ser generosas"...

Cadeira nº 34
Maria de Fátima Lemos Pereira Cândido

Patronesse: Hilma Correia Montenegro | fatimalemospc@hotmail.com

Lemos – Uma só Família?

Cada família tem sua origem, no entanto existem famílias que carregam o mesmo sobrenome em diferentes origens.

No caso da família Lemos, tenho lido registros de pesquisadores e cada vez mais me convenço de que a família Lemos é uma só no mundo inteiro.

Imaginem que 900 a 600 anos antes de Cristo, já existia o embrião dos Lemos. Sendo que o nome sofreu uma evolução na história da escrita, vejamos: *Lemavos*, *Lémaos*, *Lémoos* e Lemos.

O vale do rio Cabe, na Galiléia espanhola, norte de Portugal, atual província de Lugo, foi o lugar estratégico para os Lemavos construírem núcleos, chamados Castros.

Interessante é que os Lemavos já eram sensíveis ao desenvolvimento humano, seja por tinos artísticos, por adoração aos fenômenos naturais e às divindades, seja até pela necessidade de sobrevivência.

Ao longo da história do Brasil, aconteceram as migrações dos Lemos para diferentes regiões do Brasil. Sabe-se também que, em algumas localidades das regiões, destacou-se a fixação de residências dos Lemos, como: Candeias, Passos, Campinas, Petrópolis, Poços de Caldas, Belo Horizonte, dentre outros. No Nordeste, podemos destacar Recife, em Pernambuco, e Quixadá, no Ceará.

Tenho uma atenção especial pela saga da família Lemos. Percebo características semelhantes, nos Lemos de diferentes regiões.

Entendo que cargos, funções, em qualquer parte do mundo, são ocupados por pessoas de diferentes famílias. O que me chama a atenção é a quantidade de Lemos que, por todo o Brasil, foi senhor de engenho de cana de açúcar, fazendeiro, político, médico, religioso, escritor, professor, prendadas donas de casa, inclusive, na arte culinária.

Outras características dos Lemos: família amorosa, espirituosa, acolhedora e ambiciosa. – Ambiciosa no sentido de ir à luta, conquistar metas pela melhoria das condições de vida.

Vejo nos Lemos, o povo que busca a felicidade, aprecia o lazer, os brindes festivos, as brincadeiras, as anedotas, as piadas. Pessoas apaixonadas pelo Lemos que carregam em seus registros de nascimento. Enfim, Lemos que amam a vida, que compartilham saberes e que, acima de tudo, são Lemos por inteiro: de corpo e alma.

Cadeira nº 36
Maria Evan Gomes Bessa

Patronesse: Maria Lourdes Araújo | evanbessa@terra.com.br

O Ratinho Ansioso

Era uma vez um ratinho miúdo e bem magrinho. Vivia correndo atrás de queijo na cozinha.

Ele adorava comer, mas toda vez que chegava perto do queijo, começava a espirrar:

– Atchim! Atchim! Atchim!

O ratinho ficava triste e voltava para seu esconderijo.

Os seus amiguinhos queriam ajudá-lo. O que fazer?

O ratinho fazia atchim, quando queria comer, atchim quando ia tomar banho, ou mesmo passeando pela redondeza, não parava de fazer atchim...

Os amigos falavam com os ratos e com os gatos sobre o ratinho. Eles diziam que ele precisava ir ao médico. Aquilo só podia ser doença!

Os amigos o levaram ao rato sábio, (o médico do sótão) onde viviam as ratazanas e seus filhos.

Todos os moradores do sótão chamavam o ratinho de "atchim". O médico dos ratos falou:

– Atchim, você não está doente. Você precisa deixar de ser ansioso. Fazer as coisas com calma, sem afobação... O ratinho seguiu as orientações e, aos poucos, conseguiu se superar.

O ratinho Atchim adotou este nome sem nenhum problema. Achava interessante e, com uma dose de humor, dizia: Eu sou Atchim, Atchim, Atchim, e soltava uma grande gargalhada...

E os gatos e ratos aceitaram a decisão do ratinho que ficou famoso.

Quero

Quero estrelas brilhando
Na aurora do teu dia,
E que o tempo escorregue
Para retardar a partida.
Quero uma lua branca
Clareando a tua porta,
Para saíres na estrada,
Logo pensando na volta!

Sabor Amargo

A aurora rompeu um amor nascido
De um passado distante e sofrido,
Com o sabor amargo da melancolia.
E assim: sem chão, acordei um dia,
O vento arrastou-se na soleira do quarto,
Lépido invadiu todo o espaço, farto,
Trouxe para dentro, o mar da desilusão.
Depois, riu de mim e cortou meu coração.
A amargura derramou-se orvalhada no peito,
Sufocada pela dor, prendi-me no leito,
Refletindo sob os lençóis, o amor ferido,
Sem jeito, diante de mim, resignei-me, vencida.

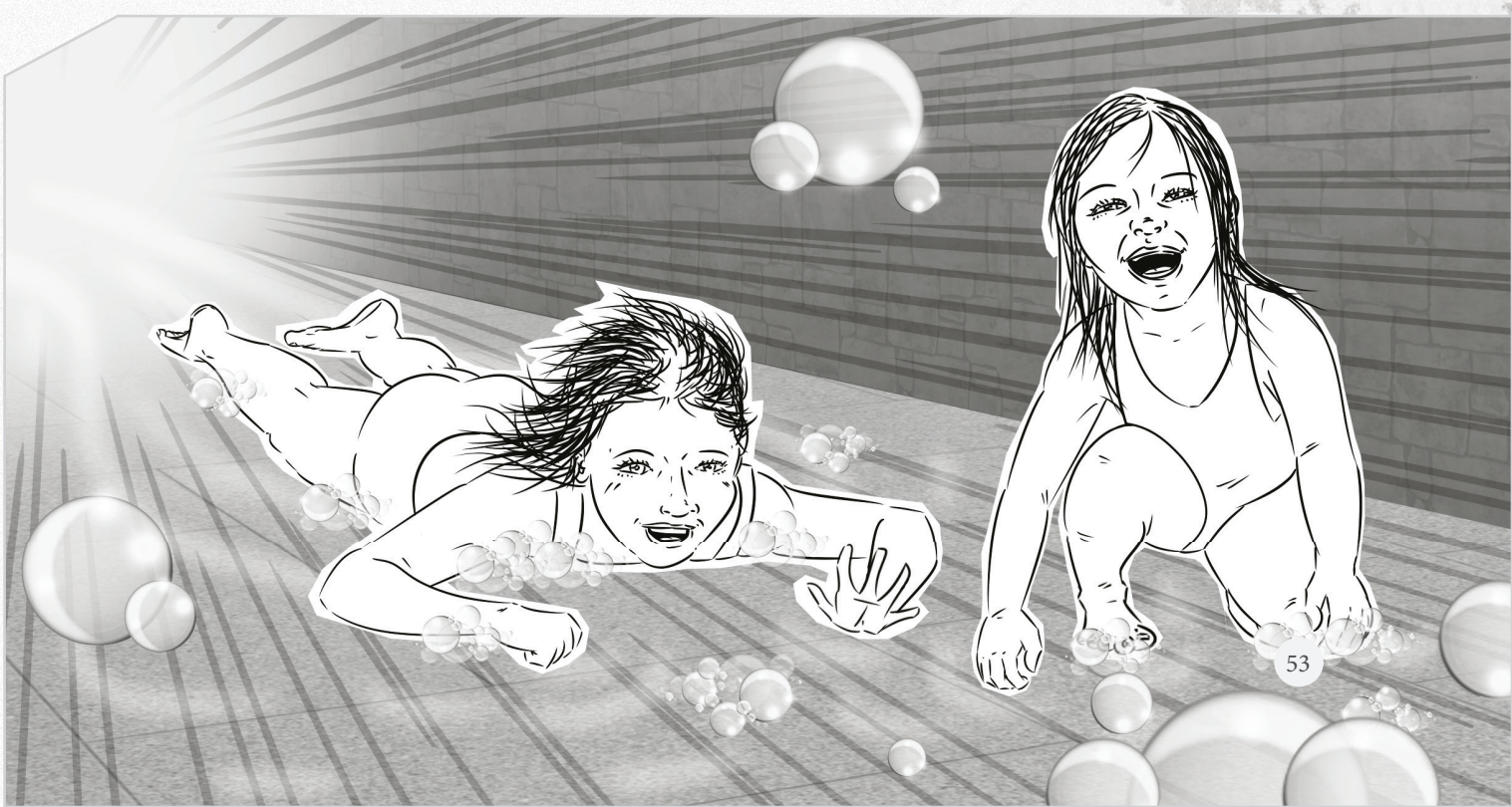
Cadeira nº 37 | Postulante
Eugênia Maria Carrah de Sales

Patronesse: Ruth Alencar Leão | eugmcs@hotmail.com

Os Meus Oito Anos (Traquinagens)

O paraíso era alí, no sítio onde não só morávamos, mas vivemos por quase dois anos na condição de caseiros. [...]

Por essa época (1957-58), tinha eu, coincidentemente, meus oito anos de idade. Todo aquele espaço era extremamente amplo, na minha infantil percepção, que podia vislumbrar e registrar mentalmente. Acredito que sua área media mais de 50m de frente por 150m de fundos. Na frente, bem centralizados, dois enormes e frondosos pés de manga jasmim, um em cada lado, cujas safras eram acumuladas em barris, assim ficava situada a casa grande, espaçosa, alpendrada em "L" – da frente para a direita da mesma, onde correspondiam os três quartos principais, bem como o banheiro social ($3 \times 4 m^2$), o qual foi palco de repetidas peraltices, pois nem precisava a mamãe repetir a ordem do banho, íamos todos! Rapidamente, **molhávamos todo o espaço** para que, cada um(a) à sua vez, deslizasse, sentado, já que era mais seguro, bastando, para isso, empurrar o pé, na parede, para ganhar impulso de uma ponta à outra, fazendo poses de balé, ou de estátua. Era uma algazarra danada. Uma farra! Se não fosse pela chamada severa de nossa mãe, perdíamos a hora do almoço e da escola. Certa vez, minha prima-irmã e eu **nos arrumamos cedíssimo, por volta das 9h da manhã** para irmos à aula que era no turno da tarde, só porque mamãe havia feito para nós duas, vestes novas. Era moda, na época, jardineira de anarruga (xadrezinho) vermelha, com alças largas, cintura baixa e saia de "prega macho" e, por dentro, a blusinha de listras finas – verde oliva com branco – mangas fofas, curtas com punho largo e golinha redonda. Lindas! Parecíamos gêmeas: "um par de jarros perfeitos"!



Existia também, no sítio, além das galinhas, patos, perus e capotes que viviam livres, mas à noite dormiam no quartinho da forrageira. Dois currais: um para o gado e outro para as cabras, equidistantes uns 10m das duas casas, do poço e dos dois tanques d'água que eram abastecidos pelo cata-vento enorme, quando ligado, emitia um som semelhante ao toque de um surdo, no ritmo suave do vento, o que sempre me encantou. Esses dois tanques serviam para regar as plantas, banhar e dar de beber aos animais e, diga-se de passagem, às escondidas, não excluir a meninada de usufruir de um gostoso banho. Em toda a extensão do muro da frente, enfileirados e a certa distância, vários pés de eucaliptos altíssimos, cujos galhos finos e longos, assim como suas folhagens, dançavam e assobiavam ao sopro do vento saudando o céu.

E assim, como no Paraíso, lá também havia uma grande variedade de plantas frutíferas, excetuando-se a maçã... além das mangas (espada, rosa, tamaracá, manguita); cajus (amarelos, vermelhos, azedos e de seis meses); cajás, cajaranas, bananas (prata, maçã, coruda), havia laranjas, limões, tangerinas, pitombas, jacas, maracujás e até uvas, cujo caramanchão ornamentava a porta de saída da cozinha. Durante as safras, juntava-se em surrão e dali, a gente pegava quantos quiséssemos para lanchar. As goiabeiras e pés de seriguela eram tantos, que cada um de nós tinha o seu individual onde subíamos ou não, colhendo com a mão e saboreando ali mesmo. Todas as vezes, **antes que amadurecessem, roubávamos uns dos outros e enterrávamos bem escondidos**, pois amadureciam mais rápidos e, quem fosse mais esperto(a), comia mais. No entanto, dava muito mesmo era confusão! Naquele pomar, somavam-se um pequeno cafezal e alguns pés de urucum.

Todas as árvores, a bem da verdade, como no Paraíso, também eram "do bem e do mal", dependendo apenas da hora em que se colhia e comia os frutos – pela manhã: saudáveis, permitidos e liberados; já à tarde, nem pensar, era terminantemente proibido! Do mesmo modo, havia a lagoa, no final do sítio, a maravilhosa lagoa do Mondubim, cujo banho era regido pela mesma cartilha materna em relação ao horário – pela manhã: sinal verde; à tarde: sinal vermelho! E foi aí que nos estrepamos. Ora, só lá de casa, éramos seis irmãos, mais os cinco menores do morador na mesma faixa de idade, que moravam na casinha dos fundos, próxima à lagoa. Pense no time de futebol! Preocupados... Em fazer o quê mesmo? Só brincar! Tinha a Escola, claro, mas nas férias, já viu. Pois justo **numa bela tarde, nós inventamos de ir pescar...** "olha só o cão pra que atenta" – **como resistir a um banho de lagoa, àquela hora e a companhia** não havia melhor. Bastou um mergulhar e pronto. Quando estávamos nos banhando, de repente a mamãe apareceu com a correia na mão. Foi menino pra tudo quanto era lado, alguns já chorando, outros rindo... aí foi que a zanga da mamãe aumentou:

– Passem já para casa!

Corremos na frente e ela atrás. Em casa, à medida que ia pegando um e agora com a palmatória, dizia:

– Abra a mão!

E a cada palmada, uma espécie de loa:

– O banho é de manhã, de tarde é no banheiro!

Quem obedecia, abrindo a mão, recebia de um a três bolos em cada, do contrário, quando tirava a mão ou escapulia... que foi o meu caso, aí foi peeeia, com a correia e onde pegasse! Nem adiantavam os apelos:

– Não, mamãezinha!

Umas doze lapadas e bisadas:

– O banho é de manhã, de tarde é no banheiro!

Não caiu nenhuma lapada no chão. Graças a Deus! Se doeu? Não! Ardeu muito. Mas dor, nenhuma! Nem traumas!

E até hoje, estaríamos lá, se não fosse para irmos morar em nossa própria casa, ou então, iríamos aprontar tanto que seríamos "expulsos daquele paraíso"!

O Meu Deus

Graças a Deus,
o meu Deus não está mais na cruz
nem resumido em Jesus.
Graças a Deus,
Jesus agora posto
em todos os seres,
em cada rosto,
não perdeu, no entanto,
seu lado divino, nem humano.
Graças a Deus,
cada criança que nasce
é um novo Cristo
por Deus oferecido.
Graças a Deus,
a ideia de um segundo Deus
tão indefeso e molestado,
fruto de uma igreja
histórica, secular, com seus pecados.
Graças a Deus e a ela,
só há um Deus,
cuja essência
é origem da vida
que é tudo e mais nada.

Cadeira nº 40
Maria do Socorro Rebelo

Patronesse: Zênith Feitosa | socorrorebelo7@gmail.com

Presença de Deus

Texto premiado no Concurso Buriti 2015,
Crônica Nacional – Menção Honrosa

No domingo, saímos para comprar o nosso frango assado do almoço, fechamos as portas de casa para o Bily José, nosso cachorro, não sair, e deixamos a janela da sala entreaberta. Ao retornarmos, para minha alegria, deparei-me com um pássaro na sala, em cima do ventilador. Corri e abri a janela para que ele fosse embora, mas antes, resolvi tirar uma foto. Em seguida, ele batendo as asas fortemente, levantou um lindo vôo e partiu. Sua bela imagem me fez sentir a presença de Deus. Esse pássaro é criação divina, assim como os seres humanos.

Sei que Deus está presente em minha vida, em todos os momentos, no meu respirar, no meu acordar, e na existência daquele pequeno pássaro. Ele está me mostrando que existe, sim, preciso apenas senti-Lo, nessas pequenas "coisas" que acontecem ao meu redor. E ao apreciar as maravilhas da criação divina, torno-me mais sensível para com as pessoas com as quais estamos envolvidas no grande ciclo da vida.

Ao mostrar a foto para o Lucas, meu filho, aproveitei para lhe falar sobre Deus e que devemos observar as criações do Senhor. Confessei-lhe ser aquele pássaro, um sinal da presença de Deus em nossa casa. E acrescentei sermos nós, pessoas, pássaros, o universo todo criação do Senhor.

Continuando o diálogo, acrescentei: Se somos Sua criação, por que não acreditar nas pessoas? Como não confiar nelas? Por que temer, se a cada momento Deus nos mostra o contrário? Então lhe

contei o episódio do último fim de semana em Guaramiranga, lugar onde tive a oportunidade de, mais uma vez, apreciar as maravilhas de Deus. Fotografei e gravei um vídeo dos pássaros que vieram se aninhar na árvore, perto do chalé. E que no outro dia, quando tomávamos o café da manhã, escutei pessoas conversando do lado de fora, um menino com sua avó e um casal de namorados. Encantados com a natureza, foram subindo as escadas e, da varanda, apreciavam a vegetação, os pássaros na árvore e a névoa que passava. O guia se aproximou correndo e lhes disse para retornar, porque ali era propriedade particular. Para mim, estava tudo bem, e que os demais integrantes do passeio que se chegassem também. E foi uma festa só. Pessoas que eu não conhecia, estiveram fotografando o ambiente e conversando comigo. Em seguida, trocamos "tchaus e boa viagem". Todos, então, se foram.

Eu fiquei a me perguntar: como não observar as coisas de Deus, se a todo instante as vejo.

Outro dia, estava retornando as mensagens do whatsapp, quando um barulho chamou minha atenção. Eram dois passarinhos na varanda. Corri para vê-los, mas levantaram vôo, antes mesmo que eu pudesse apreciar suas "travessuras". Ao sair para colocar os reciclados do lado de fora, avistei apenas um deles. Exclamei: Meu Deus!!! E ali fiquei quase paralisada para que ele não voasse, desaparecesse no ar. Era um lindo pássaro branco, com parte das asas na cor preta. Fiquei ali a agradecer, mais uma vez, a Deus por Ele me permitir admirar sua criação. O pássaro ficou a andar de um lado para outro, e pude, então, contemplar sua beleza, através da inspiração divina!

Hoje, ao acordar, agradecia a Deus por mais um dia, quando me veio à cabeça um pensamento: "E agora o que escrever? O que tenho para colocar no papel? Parece que a cabeça está vazia"? Abria a janela da sala e, novamente, senti a presença de Deus no casal de pássaros. Escondi-me, quietinha, entre as cortinas para observá-los, tomando água num pequeno buraco que eu mesma fizera, na tentativa de instalar, ali, um guarda sol. Pensei: se eles estão com sede, o bebedouro que temos pendurado deve estar vazio. Fui até a cozinha, abri um saco de cuscuz, peguei duas tampas de plástico. Numa coloquei água, na outra farinha. Pouco tempo depois, ouvi uns assobios, era como se quisessem chamar minha atenção. Fui ver e lá estava o casalzinho beliscando a comida que se espalhava pelo chão. Emocionada, exclamei: "Como é gratificante sentir Tua presença, ó Senhor"!

Deus me deu inspiração e me renovou. A manhã está acabando e continuo produzindo. Ele tem me mostrado suas maravilhas e, por isso, quero mais uma vez, dizer ao meu filho para que "Observe ao seu redor, porque Deus está presente, nas grandes e pequenas coisas, é como se Ele dissesse: "estou aqui".

Depois de Deus, os seres humanos constituem o bem maior e não tem como não apreciar essa magnífica obra divina que se chama "pessoa", nem como não se envolver com ela, nem como, pela mesma, não se apaixonar e nem se emocionar. Por que não sofrer e morrer por "ela", como fez Jesus"? Aprendi o quanto a vida é efêmera, rápida como o voo de um pássaro.

• • • • • • • • • • • • • •

Homenagem

A Presidente Clara Lêda empossa

Eliane Arruda

como Presidente de Honra da AFELCE.

Por Clara Lêda, cadeira nº27.
claraleda@gmail.com

Da esquerda para direita: Eliane Arruda, idealizadora e primeira presidente da AFELCE, e Clara Lêda, atual presidente, na Casa de Juvenal Galêno

Expressão do saber pessoal feminino é uma realidade. A mulher do sec. XXI é resultado de muitas lutas e de muitas vitórias. Consideramos vitórias, porque as batalhas foram tantas! Cada degrau alcançado foi um capítulo que se arrastou por décadas, para compor a história, fragmentada, desse personagem que vem atravessando o tempo sem espadas, mas com a atenção, o cuidado de repassar o bastão para suas sucessoras. Assim tem sido sua jornada, aos poucos avançam, conquistam louros e os portais se rendem, concedem-lhes passagem, e o mundo se descobre mais harmonioso.

Esta herança nos foi deixada por um número expressivo de bravas mulheres, das quais, muitas heroínas anônimas, a quem reverenciamos com respeito e gratidão. Outras, no entanto, tiveram seus memoráveis feitos registrados nas lápides do livro do tempo. São recursos que nos permitem ter, às mãos, o passado no presente, porque se transformaram em exemplos. Vejamos:

Fideralina Augusto Lima, nascida em 24/08/1832, saltou as barreiras de sua época e participou, ativamente, da vida política e social do Ceará.

Francisca Clotilde, nascida em 19/10/1862, foi a primeira mulher a integrar o quadro de Magistério da Escola Normal do Ceará, aos 22 anos. Também, foi pioneira nos movimentos abolicionistas e, no gênero romance, com o livro "A Divorciada".

Alba Valdez, primeira mulher a ingressar na Academia Cearense de Letras, em 08/08/1922.

Raquel de Queiroz nasceu em 17/11/1910. Foi tradutora, romancista, escritora, jornalista, cronista e dramaturga. Em 04/11/1977, tomou posse na Academia Brasileira de Letras, sendo a primeira mulher a ingressar na ABL. Em 1993, foi, também, a primeira mulher galardoada com o Prêmio Camões. Em 15/08/1994, tomou posse na Academia Cearense de Letras.

Ana Lins dos Guimarães Peixoto, "Cora Coralina", nasceu em Goiás, em 22/08/1889. Descobriu-se escritora aos 14 anos, no entanto só conseguiu estrear na literatura, aos 76 anos de idade.

Neste fim de tarde, queremos prestar nossas homenagens a uma mulher de expressão nas letras, com a qual convivemos e a quem muito devemos: Eliane Arruda.

Em Fortaleza, lecionou no Colégio Marista, no Centro de Estudos Supletivos, na Escola Justiniano de Serpa e na Marinha do Brasil, onde ingressou, através de concurso público de provas e títulos, obtendo a primeira classificação, fazendo jus à única vaga disponível. Atualmente, goza de credibilidade e respeito, ocupando lugar de destacado reconhecimento, no trabalho de revisão de obras a serem editadas.

Adentrou este milênio, surpreendendo o mundo literário fortalezense. Entre 2001 e 2012, fundou três destacadas academias: AFELCE, ALACE e ALJUG.

Nesta data, 05/09/2015, aqui, na Casa de Juvenal Galeno, quando comemoramos o 13º aniversário de nossa querida AFELCE, outorgamos o título de Presidente de Honra a Eliane Arruda, pelo reconhecimento aos relevantes serviços prestados às letras da cidade alencarina.

Entrevista

Joaquim Caracas Nogueira,

o filho dedicado de Guaramiranga.

Por Maria do Socorro Rebelo, cadeira nº40.
socorrorebelo7@gmail.com

Socorro Rebelo e Joaquim Caracas pondo em destaque fatos voltados para a educação e sua vida empresarial.

Ex-militar da Aeronáutica e Engenheiro Civil. Atua como empresário da construção, através da Impacto Protensão. O Eco Hotel Vale das Nuvens é outro empreendimento. Seu potencial empreendedor e o senso de responsabilidade social chamam atenção. Diversos são os projetos implantados e mantidos por ele na cidade, o Guaramiranga na Frente, por exemplo, é aplicado na Escola Pública Hélia de Matos Brito, onde estudou. Oferece aulas de reforço aos alunos secundaristas para que possam melhor se preparar para o ENEM.

Joaquim Caracas é detentor de muitos títulos, entre eles Engenheiro do ano e ANCERLOR MITAL e dos prêmios: SESI; CNI; FIEC; SINDUSCON-CE; Medalha do Conhecimento e o FINEP/2011, pela Presidência da República.

Socorro Rebelo: O fato do senhor ter estudado no Zélia Matos Brito, influenciou na escolha dessa Escola para implantar o Projeto Guaramiranga na Frente?

Joaquim Caracas: Foi um dos motivos, sou de Guaramiranga. É mais fácil ajudar minha cidade. Através dos projetos educativos, ganham os alunos e a cidade.

S.R.: Sua preocupação em oferecer uma preparação mais direcionada para o ENEM é um fato. O que espera desses estudantes beneficiados com o Guaramiranga na Frente?

J.C.: Espero que eles conquistem uma vida melhor, ajudem a outros e colaborem com o crescimento de Guaramiranga.

S.R.: Na aquisição de funcionários para suas empresas, a prioridade é a mão de obra local? É oferecido, ao trabalhador, algum curso de capacitação?

J.C.: No Hotel Vale das Nuvens, em Guaramiranga, dou prioridade total à mão de obra do município. Em Fortaleza não, mas em ambos, há projetos de incentivo ao trabalho e cursos de estudo financiados pela empresa.

S.R.: O senhor é uma pessoa que se preocupa com o social, o que diria, nesse sentido, a outros empresários?

J.C.: Que o momento precisa de muita ajuda e, por isso, não podemos ficar esperando somente pelo governo. Se vivemos nesse mundo e temos como ajudar, por que não investir na nossa sociedade?

S.R.: A Impacto Protensão é sinônimo de inovação e tecnologia, o Hotel Vale das Nuvens mantem uma relação harmoniosa com o ecossistema e o castelo em Guaramiranga é o futuro?

J.C.: É um futuro próximo. O Castelo será um espaço para eventos, com capacidade para até quinhentas pessoas. Por ser Guaramiranga uma cidade turística com o Castelo, a tendência é receber um número maior de visitantes e mais dinheiro será injetado no município.

S.R.: Essa frase é sua: "Sonhar pequeno dá o mesmo trabalho de sonhar grande", que recado o senhor envia aos jovens de hoje?

J.C.: Tudo aquilo que se deseja é possível, se houver determinação. O Brasil está com a imagem manchada pela corrupção, a crise é grande, mas não podemos deixar de lutar. Precisa-se estudar mais ainda, para ajudar na busca do caminho do futuro.

S.R.: O que move o senhor nessa vida?

J.C.: Fazer o bem e viver sem conflitos. O bem vence o mal. Apesar de existir pessoas desperdiçando tempo em função de passar a perna nos outros, viver sem conflito e em paz é a melhor opção.

Agradecemos a oportunidade de conhecer o Senhor Joaquim Caracas, um ser humano criativo, dinâmico, inovador, um benfeitor que acredita no crescimento do homem, através da Educação. Ele faz, porque acredita.

Notícias:

1- Os alunos da E.E.F.M. Zélia de Matos Brito, de Guaramiranga-Ce, participaram do I Concurso Literário, Prêmio Socorro Rebelo, categoria redação, com o apoio da AFELCE. Os mesmos desceram a Serra, no dia 07/11/2015, para o cerimonial de entrega de troféus, medalhas, diplomas e livros, na Casa de Juvenal Galeno.

2- No dia 05/12/2015, no Club B25, ocorreu a solenidade festiva pelos 50 anos do Curso MAUHEL. Na ocasião, a confreira Socorro Rebelo, afelceana, recebeu o troféu Jubileu de Ouro. Também foi lançada uma coletânea composta por um seleto grupo de homens, citamos: Cel. Hélcio; Brigadeiro Mesquita; Capitão Valdecy; Sub Oficial Matias e Dr. Moaceny. Entre eles, com um artigo intitulado: MAUHEL 50 ANOS, a única mulher, Socorro Rebelo.

3- Guaramiranga e Fortaleza, agora, contam com o Projeto: BIKE LITERÁRIA. É uma bicicleta que vai às praças levando um baú carregado de livros. Além da leitura, oferece, também, contação e dramatização de história.

Joaquim Caracas em seu escritório, ladeado por troféus e títulos honoríficos.

Entrevista

Maria da Penha,

um nome que virou Lei!

Por Maria do Socorro Rebelo, cadeira nº40.
socorrorebelo7@gmail.com

Maria da Penha Maia Fernandes, transpondo dificuldades e levando esperança a quem busca justiça.

Como tantas outras mulheres cearenses, nordestinas e brasileiras, estudou, formou-se em Ciências Farmacêuticas, trabalhou, casou e constituiu família. Após o casamento com o colombiano Marco Antônio Heredia Viveros, que conheceu na USP, durante um curso de Pós-Graduação, o nascimento das filhas concedeu a Marcos a oportunidade de naturalizar-se brasileiro. Desde então, mudou o comportamento, tornou-se violento e, por duas vezes, tentou matá-la. A primeira vez, com um tiro de revólver que a deixou paraplégica. A segunda vez, durante um banho. Sofreu uma descarga elétrica. (Detalhes no livro: Sobrevivi...Posso Contar).

O que leva o homem a cometer tamanha violência, contra sua parceira, justo a mulher que escolheu para dividir a vida, os sonhos e constituir família? Maria da Penha segurou firmemente a bandeira da dor feminina e lutou bravamente. Exigiu justiça foi ouvida. Em 2006, foi promulgada a Lei Federal 11.340, intitulada: Lei Maria da Penha.

Socorro Rebelo: Aponte os motivos mais comuns que levam a mulher a "aceitar calada" as agressões de seus parceiros?

Maria da Penha: Além da cultura machista, onde é "normal" homem bater em mulher, o medo que a vítima sente do agressor, a submissão, acrescento, também, a falta das políticas públicas (Centros de Referência da Mulher; delegacias da Mulher, Casa Abrigo e Juizados da Mulher) para que a Lei Maria da Penha saia do papel e funcione de fato.

S.R.: Em quais aspectos a Lei Maria da Penha avançou, nas questões de segurança feminina?

M.P.: No resgate da dignidade da mulher.

A Lei Maria da Penha foi um marco histórico no Brasil, no que se refere ao enfrentamento à violência doméstica contra a mulher. Foi considerada pela ONU uma das leis mais avançadas do mundo. Uma de suas grandes inovações foram as medidas protetivas de urgência, com o objetivo de assegurar a integridade das vítimas que promoveu o aumento do número de denúncia e a redução drástica de reincidência da violência doméstica. Quando as políticas públicas que atendem a Lei são criadas, a mulher se sente segura e forte para sair de uma situação de humilhação e violência.

S.R.: Que conselho você daria às mulheres que, ainda hoje, sofrem agressões físicas e morais de seus companheiros?

M.P.: O primeiro passo seria para ela procurar o Centro de Referência da Mulher, local onde terá atendimento psicológico, social e jurídico, aonde ela vai se inteirar sobre seus direitos e receber

orientação de como sair da situação de violência. Assim, conseguirá se fortalecer e tomará a decisão mais adequada para o seu caso.

S.R.: Que recado você encaminharia aos homens que agridem suas companheiras?

M.P.: A estes, que são denominados de "agressores", quero dizer que a cultura do machismo está com os dias contados. Digo isto porque, a cada dia, mais homens e mulheres de bem trabalham para o fortalecimento da Lei MP a fim de garantir um futuro sem violência para suas filhas, netas, suas descendentes. Gostaria de dizer, ainda, que a Lei que leva meu nome não veio para punir o homem, mas o homem agressor, que não sabe tratar sua mulher como pessoa humana.

S.R.: A redação do ENEM, em novembro de 2015, trouxe o tema: "A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira". Como você vê, o resultado desse questionamento, com tamanha abrangência, entre jovens, a maioria na realização do exame?

M.P.: Sabemos que a violência doméstica tem atingido os jovens e começa, cada vez mais cedo, ainda na fase do namoro. Foi de extrema importância e sensibilidade a adoção deste tema na redação do ENEM para trazer esse debate ao público e para que possamos conhecer o pensamento dos nossos jovens sobre o assunto e, principalmente, como direcionamento para a criação de campanhas e políticas públicas.

S.R.: Maria da Penha tornou-se um símbolo de resistência e luta. Como é seu dia a dia, as batalhas pela causa e também para honrar a Lei MP na sociedade brasileira, atualmente, tão desacreditada?

M.P.: Apesar das minhas limitações e do cansaço de 32 anos de luta (1983 – 2015), não me permito perder as oportunidades (palestras ou entrevistas, através dos vários meios de comunicação) de divulgar para homens e mulheres, não só de meu país, a importância da Lei Federal 11.340/2006 na vida das famílias, como estou fazendo agora.

S.R.: Que recado você gostaria de encaminhar às cearenses, em especial?

M.P.: Não somente para as cearenses, mas para todas as mulheres de meu país, que depende de cada uma de nós o fortalecimento da Lei Maria da Penha. O Instituto Maria da Penha, criado em 2009, tem empoderado muitas mulheres e capacitado pessoas interessadas, através da realização de cursos e de projetos pedagógicos, nas comunidades de alta vulnerabilidade social, universidades, escolas, empresas etc.

S.R.: O seu livro "SOBREVIVI...POSSO CONTAR", esgotou. Quando sairá a próxima edição?

M.P.: Estamos em negociação com a editora.

S.R.: Em nome da AFELCE, agradeço a gentil colaboração.

Da esquerda para direita: Socorro Rebelo, Maria da Penha e Clara Leda, no escritório da entrevistada.

Guaramiranga na Frente

Educação para a vida.

Por Maria do Socorro Rebelo, cadeira nº40.
socorrorebelo7@gmail.com

Alunos da Escola Zélia de Matos Brito e colaboradores do Projeto Guaramiranga na Frente, na entrada da instituição de ensino médio.

É através da Educação que o ser humano tem a oportunidade de desenvolver e aprimorar sua capacidade intelectual para se construir cidadão, portanto reconhecemos o quanto é importante o apoio que deve ser oferecido ao jovem para que ele consiga chegar à universidade.

Pensando assim, os empresários **Joaquim Caracas** e **José Valdo**, auxiliados por um grupo de amigos, em 2014, criaram o **Projeto Guaramiranga na Frente, Educação para a Vida**, com o objetivo de elevar o nível de aprendizagem dos alunos do **Ensino Médio da Escola Zélia de Matos Brito**, nas disciplinas: **Língua Português e Matemática**, um empurrãozinho, digamos assim, para que os mesmos, melhor preparados, enfrentassem as provas do ENEM e de Vestibular para universidades públicas e privadas. A meta do grupo era formar vários profissionais, entre os quais, cinco médicos para exercer a profissão no próprio município.

Além do reforço de estudo, o aluno recebe uma ajuda de custo, no valor de R$100,00, desde que tenha 100% de frequência nas aulas e atinja a média, em todas as disciplinas, que é a nota mínima para a aprovação.

Em 2014, dos vinte e seis (26) alunos do 3º Ano do Ensino Médio, assistidos pelo Projeto, dezessete (17) foram aprovados no ENEM e ingressaram na Universidade. Para o grupo, era a prova da eficácia dos trabalhos.

Em 2015, o número de alunos mais que dobrou, chegou a cinquenta e seis (56). Os alunos participaram de palestras ministradas por profissionais, principalmente, da área do meio ambiente. Motivados, partiram para a execução de pesquisas viáveis para o município. O resultado surpreendeu. Ao todo, criaram quatro (04) projetos de extrema importância para a sustentabilidade do Município de Guaramiranga. Conforme os resultados, a sequência, por classificação foi: **1º lugar – Consciência Ambiental; 2º lugar – Horto Medicinal; 3º lugar – Detergente Ecológico; 4º lugar – Plante uma Árvore.**

Em 07 de setembro do mesmo ano, foi divulgada a lista dos aprovados no Brasilitas, um projeto de monitoria de brasileiros na **Universidade de Harvard**. Compondo o quadro dos quarenta e cinco melhores do Brasil, o nome de **Débora Morais da Silva**, uma de nossas alunas.

No dia 07 de novembro de 2015, aconteceu a solenidade do Concurso Literário, Prêmio Escritora Socorro Rebelo, promovido pela Academia Feminina de Letras do Ceará (AFELCE), no salão nobre da Casa do Poeta Juvenal Galeno. Os três melhores trabalhos foram contemplados com troféus: 1º lugar – Lidiane de Souza Oliveira; 2º lugar – Débora Morais da Silva; 3º lugar – Tainara Chagas de Souza. Os classificados do 4º ao 10º lugar receberam medalhas.

Agora, em 2016, o projeto atende 72 alunos. Foram acrescentadas as disciplinas de Literatura, Química e Física e está recebendo a colaboração do Sistema Ari de Sá, através da doação de recur-

sos didáticos. Para complementar nossa alegria, somos finalistas no Prêmio da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC). Todas essas conquistas são possíveis, graças à determinação dos **empresários** que, por acreditar, não medem esforços em investir no potencial jovem da cidade. Paralelamente, o empenho da **coordenação** e dos **professores** que procuram dar o melhor de si. Por fim, os **alunos**, que abraçam o desafio e se entregam com a responsabilidade do compromisso futuro, tanto de ordem pessoal como também, social, afinal, o ganho maior é da cidade de **Guaramiranga**.

A TODOS OS QUE FAZEM PARTE DO PROJETO GUARAMIRANGA NA FRENTE, EDUCAÇÃO PARA A VIDA, PARABÉNS!

Entrega de premiações do 1º Concurso Literário Escritora Socorro Rebelo promovido pela AFELCE.

Convidado Especial

Na busca de algo, ou nada,

Gutemberg L. de Andrade

gutemberg.andrade@terra.com.br

Mérito Cultural da AFELCE, escritor, trovador, cordelista, Presidente de Honra da União Brasileira de Trovadores do Ceará, Presidente Estadual da União Brasileira de Trovadores do Ceará, sócio das Academias: de Letras e Artes do Ceará e da Academia Apodiense de Letras, como Sócio correspondente. É detentor do troféu *Diamonds of Art and Education Austrian* 2013, da Sociedade Europeia de Belas Artes Viena - Áustria.

Nada

Para não fazer nada, levantei-me cedo, pois na noite anterior não consegui dormir nada.

Ao levantar-me, tentei arregalar os olhos, e nada.

Mirei o derredor mas não vi nada. Será que estou cego? Estou nada...

Parei para pensar, mas não apareceu nada, nem pensamento e nem inspiração para nada.

Mesmo com sacrifício pesquisei o passado e observei que não realizei nada. Se não plantei nada é lógico que não vou colher nada.

Aí pensei com meus botões: se não sou nada, nada eu posso fazer.

O nada é coisa nenhuma. Se não existe, é nada.

Então, se não sou nada, nada eu posso fazer.

Só me resta é deixar o nada e procurar o que fazer. Fazer o quê se eu não sei fazer nada.

Surge então a indagação, se não sou nada o que levarei para o futuro?

Acredito que não é nada.

Eu só sei que não sou nada e que nada eu farei.

Quando eu vim para o mundo não trouxe nada, só um chorinho de nada, um quase nada que respirei.

Como eu não tenho nada e nada vou fazer, vou para a minha rede para curtir o meu nada.

Digo ainda mais, quando eu canso de não fazer nada, vou me deitar e relaxar sem ter nada o que fazer.

Até no amor o nada está presente, pois quando ouvimos da amada que está apaixonada, o nada está presente.

Como não estou entendendo mais nada e o nada não representa nada, embaralhei tudo e não compreendo mais nada.

Como o nada é ausência de algo, eu termino este trabalho sem entender mais nada.

Escrito em: 03/11/2015

Mensagem

Vislumbrando a Presença Feminina na Literatura Cearense

Por Francinete de Azevedo Ferreira,
cadeira nº10.
francineteazevedo@hotmail.com

Na época do Brasil Colonial, período em que o campo de atuação da mulher restringia-se ao lar, a luminosidade do seu talento era pressentida, no teclado do piano ou no feitio de deliciosos manjares. Em sua conferência intitulada: "A Mulher e o Amor no Brasil Colonial", proferida em 1937, na Casa de Juvenal Galeno, Dr. Raimundo Menezes citou um provérbio português, muito em moda naquela época: "Uma mulher já é bastante instruída, quando lê corretamente as suas orações e sabe escrever a receita da goiabada. Mais do que isto, seria um perigo para o lar". Observou ainda Dr. Raimundo Menezes: "A mulher não viveu, vegetou qual flor mimosa de estufa e a donzela era enclausurada, tão diferente das suas irmãs do século atual". "Em 1873/1874 principiou a era da liberdade para a mulher que se tornou emancipada daquela escravidão absurda e revoltante. Passou ela, desde então, a frequentar a vida social, os teatros, os bailes, os jantares, adornando com sua presença encantadora e o coquetismo de sua graça, essas reuniões mundanas, tão insípidas e tão sensaborosas, ao tempo da chatice bocejante da era colonial".

Mormente as mudanças de comportamento da sociedade, em relação à mulher, o imperialismo machista continuava dominante. Em seu livro "Mulheres Admiráveis", Henriqueta Galeno mencionou: "Contra a mulher intelectual voltava-se toda a oposição da ignorância da época. Ser escritora, ser poetisa então, era tornar-se alvo dos doestos, das grosserias, das invejas, das rivalidades e ainda das injúrias e calúnias. Quantas vocações literárias, quantas inteligências preciosas não arrefeceram e recuaram diante de ambiente tão ameaçador"? Muito embora as ideias do sexo oposto ainda se fizessem notadas, a ousadia de algumas mulheres sobrepujava-se àquela mesquinhez do pensamento. E, se desprendendo das lides domésticas, ela procurava expressar sua emoção, através de textos ora de cunho jornalístico, ora literário.

"No Século XX, a literatura brasileira sofreu uma série de influências, quer do momento histórico nacional, quer de novas ideias vindas da Europa". E uma figura de grande prestígio, nas lides literárias, foi **Úrsula Garcia**, nascida em Aracati, considerada a primeira poetisa cearense, lançada no "Constelário da Literatura Brasileira", conforme relato da escritora Terezinha Bedê em seu Elogio de Patrona. Alguns anos depois, tivemos **Alba Valdez**, pseudônimo de Maria Rodrigues, natural de Itapajé. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia Cearense de Letras, em 1922. Mas, dentre tantas expressões literárias de grande repercussão,vislumbramos os nomes de **Henriqueta Galeno**, **Júlia Galeno, Rachel de Queiroz.** O poeta Mário Linhares, por volta de 1955, já afirmava que "a mulher cearense, em todos os tempos, tem sido uma expressão de valor e beleza e de "força e graça na simplicidade", no lírico dizer de Bilac, através do encantamento das suas mais generosas iniciativas". Nos dias atuais, ela vem demonstrando sua autoafirmação, no contexto das letras cearenses, alçando voos memoráveis que se perpetuarão na história.

ACADEMIA FEMININA DE LETRAS DO CEARÁ
AFELCE
06 de junho de 2002

Mesa Diretora
2015-2016

Deputado José Albuquerque
Presidente

Deputado Tin Gomes
1º Vice-Presidente

Deputado Danniel Oliveira
2º Vice-Presidente

Deputado Sérgio Aguiar
1º Secretário

Deputado Manoel Duca
2º Secretário

Deputado João Jaime
3º Secretário

Deputado Joaquim Noronha
4º Secretário

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará